

DAVID CARNEIRO

NILO CAIRO
(BIOGRAFIA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS



00148241

Editora da Universidade Federal do Paraná

CURITIBA
1984



Nilo Cairo da Silva
(12/11/1874 - 06/06/1928)
Médico e engenheiro militar
Cofundador e professor da Universidade do Paraná

Carneiro, David, 1904-

Nilo Cairo (biografia) / David Carneiro. – Curitiba : Ed. da UFPR, 1984.

75p.

1. Cairo, Nilo, 1874-1928. 2. Professores universitários – Paraná – Biografia. I. Título.

CDD 923.7

Andrea Carolina Grohs – CRB 9 / 1.384

SUMÁRIO

- A Universidade do Paraná, p. 5

- As universidades no Brasil, p. 9

Cap. I. Família e início de vida, p. 13

Cap. II. Os movimentos precursores à Universidade, p. 17

Cap. III. O grande sonho e o estupendo esforço, p. 23

Cap. IV. O estabelecimento. As desilusões, p. 27

Cap. V. As cartas Vítor do Amaral – Nilo Cairo, p. 37

Cap. VI. O final, p. 59

- A atividade pedagógica do Professor Nilo Cairo, p. 73

Blank Page

A UNIVERSIDADE DO PARANÁ

Quando se fala em Universidade, geralmente se tem a impressão de instituição que funcione em belos edifícios e que esteja equipada, pelo menos de museus, de salas de aula, de laboratórios, e de uma esplêndida biblioteca.

Na realidade, porém, uma Universidade não é senão um grupo maior ou menor de jovens aspirando a aprender e professores capazes de ensinar.

Quem contestaria que Krótona haja sido a universidade de Pitágoras? E quem negaria que Sócrates tivesse tanto em sua casa como na prisão (em que tomou a cicuta que extinguiria sua vida) dado aulas do mais alto valor universitário (e tal como no FEDON podemos sentir) imaginando comovidos as lições ministradas?! E quem poderia contestar que os passeios peripatéticos de Aristóteles constituíssem aulas estupendas de nível mais alto do que qualquer uma dos nossos dias?

Ora, as figuras essenciais da nossa Universidade foram três: Nilo Cairo, Victor do Amaral e João R. Macedo.

Embora a idéia inicial fosse do Professor Fernando Moreira, e vários movimentos precursores pudessem justificar o autor da idéia em várias cabeças, quando o assunto chegou ao Dr. Nilo Cairo, soprado pelo seu cunhado Flávio Luz (que lera a notícia da chegada do Diretor da Escola Republicana com a boa nova da liberdade plena de educação) mesmo de Universidade (para todo aquele que tivesse meios para levar a instituição à frente) ficou decidido a fundar, em Curitiba, uma delas, desde que conseguisse coordenar um grupo de entusiastas.

Na realidade, Universidade é um grupo de alunos (dezenas, centenas ou milhares) e professores que corresponderão à quantidade variável entre 2,5% e 10% do número dos alunos dispostos a aprender.

Nilo Cairo era professor nato, Médico por acaso, para complementação de instrução que lhe parecia indispensável (para o que desejava ou imaginava ser) espalhando benefícios ao seu país e aos seus semelhantes (que continuavam vegetando sem perspectivas de melhora no nível geral de cultura nacional e local) era um professor que desejava jogar-se à educação por convicções positivas, da mesma forma como procurara complementar seus conhecimentos enciclopédicos pelas mesmas convicções.

Entretanto uma figura lhe pareceu indispensável como pessoa de ponderação, magnífica, que assumisse todas as responsabilidades e tivesse bens que pudessem responder pelos compromissos eventuais da instituição, e tivesse prestígio político (pelos cargos e posições ocupados) e houvesse mostrado preocupação educacional, cooperando com as tentativas já realizadas ao seu redor.

Ora, Victor do Amaral fora deputado, fora secretário, encarregara-se de incentivar (inscrevendo-se como professor) a escola de Artes e Indústrias, e foi figura central de todas as tentativas de coordenação para uma Universidade, aqui em Curitiba.

Porém o Dr. Victor era médico como ele Nilo Cairo, e este considerava indispensável um bacharel em direito, que atendesse à burocracia, atendendo ao mesmo tempo às formalidades e às aparências também segundo as condições rotineiras do nosso país, em que às aparências devem sobrepujar às realidades. Claro que pensou num doutor em direito, que não fosse professor nas suas possíveis especialidades, mas se encarregasse de dar soluções jurídicas às complicações que a Universidade viesse a ter imediatamente ou a prazos maiores ou menores. Esse professor em direito existia em Curitiba e levantaria o edifício da Associação Comercial do Paraná, fundada em 1890 e que já em 1909 levantaria o seu edifício, depois de várias presidências das quais ele foi seguidor.

Chamava-se Pamphilo de Assunção, e era mesmo, doutor em direito pela Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco em São Paulo. Todavia as dificuldades maiores de caráter jurídico só surgiram com a lei Carlos Maximiliano, e então já uma outra figura: João Ribeiro de Macedo que se mostrara mais entusiasta pela instituição fundada e posta a andar por Nilo Cairo e Victor do Amaral estava com eles.

Carlos Maximiliano desconhecendo as realidades do Brasil

em face do mundo (ainda que chegasse a ministro, como todos os inúmeros maus ministros que temos tido e ainda os temos) tratou de anular as sementes surgidas com a liberdade de ensino, da lei que precedera à de Maximiliano, e que fora a do insigne e previdente Dr. Rivadávia Correa.

A lei Maximiliano porém (ao contrário da lei Rivadávia que facilitaria a vida à instituição que tivesse competência e possibilidades econômicas para o funcionamento e a evolução progressiva) exigia depósitos, finanças risonhas, acervo acumulado, biblioteca com um número mínimo (elevado) de livros didáticos, científicos e de outras ordens; mas tudo em condições tais que nenhuma das três universidades que haviam surgido (Manaus, São Paulo e Curitiba) pudessem sobreviver. Se São Paulo possuía na aparência todas as condições, inclusive a população mínima da cidade (100.000 habitantes) em que a sede fosse instalada (população mínima que Curitiba não possuía) não teve condições, e a princesa amazônica também não, Curitiba certamente não teria!

Mas Nilo Cairo colocou o assunto economia e finanças nas mãos do Dr. Victor, porém fazendo também o seu papel: dando aparência de um volume de renda (ou receita) que na realidade não existia, dezenas de professores assinavam recibos por ordenados que não recebiam, mas que apareciam como saída de caixa, todos os meses.

Ainda a população: Curitiba devia ter em 1915 mais ou menos cinquenta mil habitantes. Era necessário demonstrar que Curitiba tinha 100.000 almas.

Todos os alunos da Universidade, nos tempos livres, jogavam-se ao recenseamento. Porém malgrado as duplicações e as fantásticas e fictícias adesões, Curitiba não conseguiu sequer chegar aos setenta mil.

Estaríamos vencidos, e os próprios grandes fundadores estariam baqueando, se João Macedo não viesse com o seu entusiasmo e a sua sabedoria jurídica, e o seu conhecimento concreto das tricas derivadas da burocracia graveolente do seu país, (do nosso país) para dar solução ao caso: Federação das Faculdades Superiores do Paraná; o edifício comum, pertencente a cada uma das faculdades o qual não tiraria de sua fachada o nome orgulhoso que permanece: **Universidade do Paraná**, e um Reitor continuaria a existir, ainda que nominal: **Victor do Amaral**: o plinto humano sobre o qual a colunata institucional estaria

assentada, até que a tempestade passasse. Quo ad? Mas passou sim! Todavia o primeiro fundador não a veria como Universidade reconhecida, ainda que em 1920 uma (chamada modelo?) já existisse! Essa seria a improvisada por Epitácio Pessoa para que o Brasil possuísse uma Universidade, chamada **"do Brasil"**, e destinada a dar ao rei Alberto da Bélgica o programado e prometido título de **"Doutor Honoris Causa da Universidade do Brasil"**. Tal foi a universidade decretada mês e meio antes da chegada de Alberto I, em 1920, para visitar o Brasil, trazido pelo convite do Dr. Epitácio da Silva Pessoa presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.

Claro que depois, a estruturação do que havia sido improvisado, teve que processar-se. Uniram-se faculdades fundadas por D. João VI no início do século anterior, e logo por D. Pedro I e enfim por D. Pedro II, agregando-se a Escola de Minas de Ouro Preto, existente a milhares de quilômetros do Rio de Janeiro, onde a Universidade do Brasil existia. Outras faculdades recentes, improvisando o modelo que continuou a existir nos seus elementos componentes até que a forçada evolução modificasse as coisas.

AS UNIVERSIDADES NO BRASIL

Desde o segundo quartel do século XVII (um século depois de haverem surgido várias universidades na América espanhola, como a de S. Domingos, a do México e a de São Marcos, no Peru; depois também de Harvard haver sido estabelecida em Massachussets, nos Estados Unidos) e Córdoba em 1613 na Argentina, Nassau (ilustre príncipe alemão a serviço da Holanda) planejou exigir em sua cidade Maurícia, em Pernambuco, também uma universidade (razão pela qual tratou de cercar-se, aos poucos, de cientistas e de artistas) a pensar nos professores.

No final do mesmo século e no início do seguinte, diz-se que os jesuítas tentaram fundar no Salvador, Bahia, a sua universidade, tomando a de Évora por modelo.

No final do mesmo século XVIII os inconfindentes sonharam ter, com a independência do Brasil, o início de nova era cultural que ficaria marcada pela fundação em Ouro Preto de uma universidade.

Desde o primeiro quartel do século XIX, ainda, José Bonifácio de Andrada e Silva havia pensado na fundação em São Paulo (1820) de uma universidade sem curso de teologia. O ambiente não lhe foi favorável, apesar da boa vontade do Duque de Lafões, membro da família real, ligado ao Patriarca por admiração profunda.

Quando José Bonifácio voltou ao Brasil, já esse sonho estava desfeito, e quando realizou a Independência, apesar do seu antagonismo com D. Pedro, propôs uma universidade no Rio por intermédio de Manoel da Câmara Bittencourt e Sá, durante a Assembléia Constituinte. Mas o projeto não vingou.

No segundo reinado, depois da fundação do Colégio D. Pedro II em 1837, que serviria de modelo aos cursos secundários a surgirem nas capitais das províncias do Império, várias leis desejaram impor ao nosso país meio eficaz de real progresso:

Em 1847 o Visconde de Goiana, Bernardo José da Gama; em 1870, Paulino José Soares de Souza e em 1880 o conselheiro J. A. Saraiva, propuzeram Universidades.

As tentativas de vitória sobre a inércia nacional (esta vinda de antepassados afeitos à incultura) não conseguiram sequer uma universidade, das muitas que foram tentadas.

Assim como os projetos da monarquia ruíram todos, também os da República:

Em 1903 Azevedo Sodré que inicialmente sonhara com quatro delas. Em 1904 Rodrigues Lima e em 1908 Érico Coelho, todos tentaram; porém viram transformados em futuro os seus sonhos.

Ao lado de tais tentativas porém, D. João VI nos havia trazido no bojo dos seus navios, as primeiras escolas superiores, profissionais: A naval de 1808, a militar, de 1810, bem como as de medicina, do Rio e da Bahia.

Foi através de tais faculdades superiores que a nossa cultura pôde sedimentar-se (em pequena elite) para os grandes esforços nacionais ulteriores.

Claro que nem D. João VI parou nos primeiros esforços (visto que mandou buscar a missão de artistas franceses e criou a escola de Belas Artes em 1815) mas as duas escolas jurídicas de Olinda e S. Paulo (11 de agosto de 1827) foram criadas ao tempo de D. Pedro I. Em 1876 foi criada a escola de engenharia de Minas, de Ouro Preto, por D. Pedro II, sob a direção do Dr. Gorceix.

Ainda assim, porém, o efetivo foi extraordinariamente mesquinho para um país que devia sonhar com lideranças de grande envergadura.

Foi necessário que o Dr. Rivadávia Corrêa declarasse pela lei de liberdade profissional (que subentendia a liberdade de ensino) para que se ficasse sabendo que qualquer figura podia fundar e fazer crescer uma universidade, desde que houvesse capital, professores alunos e ânimo, para tais realizações.

Nesse sentido realizaram a empreitada às cidades de Manaus, S. Paulo e Curitiba, onde três universidades tentativas se fundaram, em 1910, 1911 e 1912.

A lei antagônica de Carlos Maximiliano entretanto, desconheceu tais esforços e fez que os sonhos se desvanecessem.

Das três universidades só permaneceu a do Paraná, isso mesmo porque o Estado do Paraná facilitou o reconhecimento dos títulos em seu território, e os estudantes paulistas vieram todos para aqui, onde a argúcia dos fundadores separou pró forma, as faculdades, estas continuando a existir "isoladas legalmente", como "**Federação das faculdades superiores do Paraná**", sob um único Reitor e num só edifício, que era da propriedade de todos. Foi nessas condições que as faculdades puderam ser reconhecidas de uma em uma, pelo governo federal, enquanto se esperava época mais propícia, para o reconhecimento da instituição integral, coisa que viria muito mais tarde, calcada no aleijão improvisado, a que se deu o nome, em 1920, de Universidade do Brasil.

Blank Page

I

FAMÍLIA E INÍCIO DE VIDA

Nilo Cairo da Silva nasceu na cidade de Paranaguá (fulcro inicial da província e do estado do Paraná), no dia 12 de novembro de 1874.

Era filho de Simplicio Manoel da Silva Júnior, natural do Rio Grande do Sul, e de sua mulher, Dona Alzira Paula da Costa Lobo e Silva, filha de Paranaguá, de família antiga da província, a qual cedo faleceu, deixando o filho ainda criança de colo. O seu genitor entretanto, premido pelas circunstâncias, casou-se logo com a irmã de sua mulher, a qual serviu ao pequeno Nilo, de segunda mãe.

Podem certamente atribuir-se ao ambiente eufórico existente em todo o Brasil, após a guerra do Paraguai, as condições sociais favoráveis em que sua mentalidade otimista e explosiva, teria surgido, com a generosa e intensa aptidão para o trabalho que possuía.

Dos seus herdou a vasta inteligência e o ânimo altruista, além de um idealismo fervente, jamais desmentido em suas nobres ações.

Fez primeiras letras em Paranaguá e depois no Rio Grande até certa altura, completando o primário em Curitiba para seguir depois à capital da República onde assentou praça, destinando-se à Escola Militar. Nesta se matriculou em 19 de fevereiro de 1891. Era a célebre Escola da Praia Vermelha, famosa pela sua história e o seu civismo, desde antes de 15 de novembro de 1889 e da assinatura dos chamados "Pactos de Sangue".

Aí recebeu a sua formação filosófica e os estímulos para quanto, depois, e com galhardia, pôde realizar. Aí recebeu a série de conhecimentos que o curso anexo podia imediatamente fornecer-lhe.

Em seguida fez o seu curso de armas e o de engenheiro, recebendo o título de bacharel em ciências físicas e matemáticas.

Saiu com tenente da arma de artilharia em 3 de novembro de 1894. Não por falta de bravura mas pelo temperamento indisciplinado, irreverente e irrequieto, os seus colegas o consideravam a mais perfeita negação do militar. Também, não tinha interesse pelas pequenas coisas da caserna que (em tempo de paz) preparavam o soldado para a guerra.

Fisicamente bonito, alto, espadaúdo, claro, de olhos azuis esverdeados, estando de uniforme, tendia a certo desmazelo da farda. Usava-a frequentemente desabotoada fazia-se pouco alinhado, botinas sem lustrar, gorro despencado.

Ninguém saberia porque, mas, envergando traje civil tinha outro aprumo, mesmo enquanto cursava a Escola Militar. A paisana, calças brancas, de croisé ou de fraque, tinha elegância britânica.

Estava no fim do seu curso de armas quando foi publicado o célebre manifesto Saldanha da Gama. Apresentou-se para serviço imediato e foi aceito, servindo de 6 de setembro de 1893 a 13 de março do ano seguinte, a presenciar inúmeros combates. Pouco mais tarde, quando a esquadra do Almirante Jerônimo Gonçalves teve que ser guarnecida e os alunos da escola puderam ingressar nos quadros provisórios como voluntários, ele, de novo se apresentou, o que mostra que nem civismo intenso, nem bravura, lhe faltavam para ascender na carreira das armas.

Promovido a 2.º tenente como dissemos, em novembro de 1894, cinco anos mais tarde ultrapassava o primeiro posto, promovido a primeiro tenente em 27 de agosto de 1899.

Casou-se com uma carioca, D.ª Dagmar de Oliveira Coelho, mas sua esposa veio a falecer em consequência do primeiro parto. Esta daria à luz um filho, Maury com as debilidades de que mais tarde veio a falecer, condenado desde tenra infância, tendo sido sempre deficiente.

Em 1903 (diz o Professor Sebastião Paraná) Nilo Cairo recebeu o grau de doutor em Medicina, tendo apresentado a tese "Simila Similibus curantur",(*)

(*) Galeria Paranaense pg. 271 Sebastião Paraná (Setembro de 1922, Curitiba).

Esse grau e o título foram dados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Também diz que para esta sua terra veio em 1906, quando por outras origens sabemos ter vindo em 1904, época em que, em manobras militares teve os dois tímpanos rompidos, sendo por esse motivo obrigado a reformar-se. Naquele tempo mais do que hoje ainda, a burocracia era lerda. Isso explica duas coisas: A sua promoção só em 11 de fevereiro de 1911, e a sua reforma imediata à promoção, no posto de major quando já se havia casado segunda vez, para melhorar as condições de sua vida. A surdez completa e o peso morto do filhinho deficiente seriam para ele pesado encargo. Diz Sebastião Paraná: "... de certo tempo em diante foi acometido de incompleta esclerose do tímpano que o estorvava na clínica. Foi quiçá esse motivo que o induziu a deixar a carreira militar. Em 1910 foi que se casou com D.^a Leonor Lopes da Silva. Casaram-se pela segunda vez. Filha do Coronel Jesuino Lopes, seria portanto neta do primeiro jornalista do Paraná, fundador do 19 de Dezembro.

Já a esse tempo Nilo Cairo era figura conhecida e de grande prestígio intelectual.

Mostrou-se contrário ao movimento militar contra a vacina, e procurou evidenciar em opúsculo (hoje raro) que A. Comte havia pensado em colocar Jenner (o inventor do processo vacínico) no calendário histórico positivista, não o fazendo entretanto, porque lhe faltasse a segurança plena dos resultados posteriores obtidos.

Ainda Nilo Cairo com o seu segundo casamento não foi feliz apesar dos bons auspícios gerais. Sua esposa não era saudável e pouco depois de nascer-lhe uma filha, a tuberculose manifestou-se na esposa. A terapêutica da época era superalimentação e ar puro.

O casal mudou-se para a Palmeira e nessa pequena cidade Nilo tentou clinicar.

Com o farmacêutico Domingos Duarte Veloso criou a Revista Homeopática do Paraná, depois denominada Revista Homeopática Brasileira, que tinha nele o seu grande apoio intelectual. Ela (a Revista) não deixou de sair enquanto Nilo esteve na Palmeira, mas aconteceu suspender sua publicação em 1912 quando a Universidade foi fundada, embora só o fizesse depois de sete anos de publicação ininterrupta.

A vida na Palmeira foi enfadonha, e como disse Sebastião Paraná: "Nilo Cairo era de uma atividade e laboriosidade espan-tosas. Tinha arrojo, impulso d'alma para a realização de em-presas difíceis.

Seu lema era "**audaces fortuna juvat**", lema que ele passou ao seu amigo Dr. Victor do Amaral.

Assim que sua mulher deu sinais de melhora de saúde, voltou a Curitiba e fundou o "Dispensário Homeopático Infantil". Claro, porém que a empreitada não seria para ganhos, nem mesmo para sustentar-lhe a vida. Entretanto conforme o teste-munho dos seus biógrafos, "**muitos serviços prestou à pobreza**".

II

OS MOVIMENTOS PRECURSORES À UNIVERSIDADE

De Nilo Cairo diz Sebastião Paraná: "Devido à sua atividade e desejo de contribuir para o desenvolvimento de seu estado natal, idealizou um plano gigantesco — a fundação da Universidade do Paraná, que aí está ovante — produto de um sonho, de um ideal que parecia infactível".

Entre o final da primeira década deste século XX e o início da primeira guerra mundial, havia de surgir para Nilo Cairo, a fase gloriosa da sua vida, com a possibilidade da fundação, no seu estado, de uma Universidade.

A primeira idéia entretanto, não foi sua. Vinha de vinte anos antes.

Houve um sonho romântico, uma tentativa precursora. Foi a de **Francisco José da Rocha Pombo**, nascido a 4 de setembro de 1857 em Morretes. Jornalista, ensaísta, prosador, historiador e poeta brasileiro. Transportou-se este, desde cedo para Curitiba (1874) onde fundou jornais, indo logo para Castro com o mesmo objetivo. Voltou à capital como deputado provincial (1886-7) e renovou seus esforços no sentido do jornalismo.

Seu companheiro de sonho foi o Comendador **Antonio Ribeiro de Macedo**. Estava no governo como presidente do Estado o Dr. **Francisco Xavier da Silva** (n. em Castro 2/IX/1838) bacharel em direito por S. Paulo, turma de 1860. Foi três vezes presidente do Paraná conseguindo reequilibrar-lhe as finanças abaladas por governos anteriores (1892-1900-1908) símbolo de honestidade no tratar os negócios públicos, e tendo como secretário de estado o **Dr. Jeronimo Cabral Pereira do Amaral**, filho do nordeste, mas paranaense de adoção.

Tinha Curitiba, em 1892, cerca de 25.000 habitantes. Algumas circunstâncias favoráveis indicavam possível o surto da universidade, que afinal foi estabelecida pela lei n.º 63 de 10 de dezembro daquele ano de 1892.

O Congresso Legislativo do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a lei seguinte:

Art. 1.º — É feita a concessão por 50 anos ao cidadão Francisco José da Rocha Pombo ou empresa que organizar, para o estabelecimento de uma Universidade na Capital do Estado e conforme as plantas que forem aprovadas pelo governo.

Art. 2.º — O Estado garante ao concessionário durante o tempo da concessão, o juro de 6% ao ano sobre o capital efetivamente empregado, até o máximo de 1000 contos de réis a contar da inauguração dos cursos.

Art. 3.º — Além dos juros o Estado garante ao concessionário: 1.º Direito de desapropriar a área de terreno de domínio particular que seja necessária para a construção de edifícios e suas dependências, de acordo com as leis vigentes; 2.º Isenção de todos os impostos devidos ao Estado pelo material destinado ao Estabelecimento.

Art. 4.º — A Universidade compreenderá pelo menos os seguintes cursos: Direito, Letras, Comércio, Agronomia, Agrimensura e Farmácia.

Além do curso geral, cujos programas ficarão sujeitos à aprovação do Congresso Legislativo.

Art. 5.º — Logo que a Universidade seja inaugurada, ficarão extintos o Ginásio Paranaense e a Escola Normal, que constituirão uma das secções da mesma Universidade, com as regalias que competem e que vierem a este estabelecimento.

Art. 6.º — Os atuais professores, tanto do Ginásio como da E. Normal passarão a lecionar na respectiva seção da Universidade, devendo seus ordenados ser pagos pela empresa e ficando garantida em plenitude a vitaliciedade que nos compete. Só depois de apostntados, na forma das leis vigentes, terão seus vencimentos pagos pelo tesouro do Estado.

Art. 7.º — O governo do Estado fiscalizará o estabelecimento, ficando entendido que esta fiscalização de modo algum atingirá a independência da instituição limitando-se a fazer que a empresa cumpra os compromissos que assume.

Art. 8.º — fica o concessionário na obrigação de fundar dentro dos primeiros dez anos a contar da data da inauguração da Universidade, uma Escola Prática de agricultura no Interior do Estado, sem mais ônus para o mesmo.

Art. 9.º — Será considerada caduca a presente concessão se (dentro do prazo de dois anos) o concessionário não der princípio aos trabalhos, ou se dentro de quatro anos a contar da data da aprovação das plantas, não for inaugurada a Universidade.

Art. 10.º — Findo o prazo da concessão da Universidade poderá ser passado para domínio do Estado, mediante indenização feita ao concessionário.

Art. 11.º — Revogam-se as disposições em contrário. Mando portanto a todas as autoridades a que o conhecimento e a execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente quanto nela se contém.

O secretário de Estado dos negócios do Interior Justiça e Indústria Pública a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do governo do E. do Paraná em 15 de dezembro de 1892 — 4.º da República.

F. Xavier da Silva

Jeronimo Cabral Pereira do Amaral

Lei pela qual o cidadão do governador do Estado manda executar o decreto do Congresso Legislativo fazendo concessão ao cidadão José Francisco da Rocha Pombo ou à empresa que organizar para o estabelecimento de uma Universidade do Estado.

João de Deus Ferraz, a fez selada e publicada em 10 de dezembro de 1892.

Jeronimo Cabral Pereira do Amaral.

A idéia generosa legalizada por uma concessão teria tudo para tornar-se vitoriosa. Para isso porém, duas condições essenciais indispensáveis: 1.º Operosidade, engenho e liderança de um grupo ativo que comandasse todas as operações, 2.º Compatibilidade com o tempo e o ambiente nacional, i. é. concordância da idéia com a necessidade circunstante.

O esforço nesse sentido não pode ser de uma única pessoa, senão de equipe, convergindo as aspirações gerais, sob comando suficiente.

Rocha Pombo era, sem dúvida, idealista. Não lhe faltava nem patriotismo e nem generosidade. Intelectual capaz sem nenhuma dúvida; mas não era um Nilo Cairo, nem tinha deste nem o preparo nem a capacidade teórica e a generalidade de conhecimento.

Curitiba em 1892 era cidade demasiado pequena e o Paraná todo (que não tinha 500.000 habitantes) como mercado de trabalho também demasiado mesquinho servia, para que pudesse ser (um ideal desses tão grandioso realizado sem impecilhos.

O resultado foi a caducidade da concessão.

A revolução de 1893/4 teve sua influência dissolvente ou antagonica, como é fácil imaginar, mas ela terminou por anular o generoso sonho.

Outros elementos precursores houve para o amadurecimento do ambiente e para influenciar a realização de 1912. Um deles foi, ainda da última década do século XIX o esforço cultural do Clube Curitibano sob a liderança do admirável Dario Velloso, com as conferências que providenciava e as publicações distribuídas aos sócios.

Outra, talvez mais importante, foi a Escola de Artes e Indústria, dirigida por Antonio Mariano de Lima e iniciada em 1886 ao tempo do governo do Visconde de Taunay e sob seus auspícios.

Mariano de Lima era nascido em 1858 em Trás os Montes (Portugal) e tinha curso de cenógrafo, feito no Porto. A sua escola foi admirável e duraria talvez sempre (até ser incorporada pelo movimento universitário de 1912) se um escândalo não o fizesse abandonar às pressas a cidade de Curitiba, deixando sua escola nas mãos de sua mulher D.^a Maria de Aguiar Lima.

Fazia parte do corpo docente da Escola de Artes e Indústrias (equiparada à Escola de Belas Artes em 1890) (decreto 993 de 8 de novembro) o homem que seria o sustentáculo da instituição criada em 1912 por Nilo Cairo, e que gosava de grande prestígio. Era ele o Dr. Victor do Amaral.

Ainda elemento precursor à Universidade foi a estrada de ferro sonhada por Mauá, Rebouças, Monteiro Tourinho e Schwartz, e realizada por Teixeira Soares. Ela trouxe algumas dezenas de engenheiros ilustres que permaneceram entre nós como brilhantíssimo material humano.

Em 1912, quem veio da capital da República (então o Rio de Janeiro) trazendo a idéia de que poderia ser fundadas universidades em qualquer parte do território brasileiro (e que portanto em Curitiba uma devia ser construída) foi o professor Fernando Moreira, que lera o texto da lei vigente e falando ao Ministro Rivadávia Correia ele lhe dissera: **"Quem quiser fundar Universidades apenas dependerá dos meios materiais para levantá-la! Não há lei que impeça!"**

Chegado a Curitiba, a notícia se espalhou e o jornal "O Correio do Sul" de 13 de junho publicou a novidade do encontro de seis cidadãos (entre os quais Victor do Amaral) para efetuar-se o início do movimento.

Entretanto, somente os que possuíam ginásio, como o Professor Moreira e o Dr. Flávio Luz, consideravam-se em condições para essa realização. Foi este último que procurou ser concunhado de Nilo Cairo para a realização do empreendimento para, desde logo, a efetiva liderança. Os diferentes grupos convergiram sob a égide do Dr. Victor Ferreira do Amaral e dentro desse ano de 1912 puderam ver tudo encaminhado.

A tarefa gigantesca não atemorizou a esse corajoso obreiro, verdadeiro factotum que Nilo Cairo foi, apoiado por Vitor do Amaral. A maioria do povo parecia porém apenas fantasia irrealizável, aquilo que enchia de aspirações a mocidade de então.

Ao seu braço forte, à sua tenacidade, à sua contumácia, à sua energia se deve indubitavelmente (diz Sebastião Paraná) a fundação desse profícuo e importante estabelecimento de ensino superior, um dos melhores da República, e do qual Nilo Cairo foi a alma, a força motriz que por ali tido em ação. "Dessa notável instituição foi Secretário Geral e regeu diversas cadeiras do curso médico".

Blank Page

III

O GRANDE SONHO E O ESTUPENDO ESFORÇO

Podemos dividir a vida de Nilo Cairo em duas fases: Uma vai até 1912, aos primeiros grandes esforços para que a Universidade do Paraná viesse a tornar-se realidade. A outra de 1912 até seu desaparecimento em 1928.

Escolhido primeiro secretário da instituição pelo grupo que envidou esforços para a criação da Universidade sob a égide do Dr. Carlos Cavalcanti (que governava o Estado), foi Nilo Cairo o elemento dinâmico a angariar pessoas convenientes e capazes para as funções e para as cátedras. Empurrava todos os assuntos que caíam em inércia ou os que não haviam saído de situação letárgica, determinando previamente os acontecimentos em animada atividade, a provocar as convergências.

Vez por outra entretanto, surgiam resistências passivas, invejas, e as coisas não andavam sem que fossem desmascaradas com a valentia que caracterizava o desassombrado Nilo.

A sua situação de oficial reformado e os conhecimentos que tinha entre os da ativa, seus contemporâneos da Escola Militar dariam a possibilidade de contar com os oficiais mais preparados da guarnição de Curitiba.

Mario Tourinho, que ensinou geometria, foi dos primeiros chamados, para o curso anexo, de revisão para os que desejavam entrar na engenharia. Plínio Tourinho (bem mais moço) encarregou-se da astronomia, frequentemente aceitando ministrar outras cadeiras tanto teóricas quanto práticas.

Daltro Filho (M. de Cerqueira Daltro Filho) atuaria tanto no ensino quanto na administração. Teófilo Garcez Duarte ficaria encarregado da topografia. Bezerril que desempenhava en-

cargos como professor também e Baeta de Faria, com materiais de construção e arquitetura. Estes e muitos outros oficiais do exército, permanecendo ou não, contribuíram grandemente para que a Universidade do Paraná existisse, levantada a pouco e pouco sob a esforçada direção de Nilo Cairo.

Podemos imaginar que a tremenda carga de tarefas assumidas, tomava-as como derivativo aos seus possíveis desgostos domésticos. Talvez por isso não rejeitava missão, procurando afogar sua vida em trabalho que fosse útil aos outros. (Viver para outros).

Catedrático de fisiologia, patologia geral e anatomia patológica do curso de odontologia, dava também, vez por outra, a cadeira de histologia que era do Dr. Petit Carneiro, anatomia macroscópica, homeopatia e terapêutica homeopática nos cursos médicos.

Nilo Cairo entretanto nunca rejeitava parada.

Regia também cadeiras de engenharia, como geologia e mineralogia que depois caíam às mãos do capitão Mariante.

Dava a impressão de aspereza, a falar alto e com a voz cava, característica dos surdos. Quando estava de boa paz dizia as coisas com a nudez crua de que se valem os homens rudes. Por essa razão muitas vezes chocava. Poucos terão tido a prudência de se aproximarem dele com a simpatia merecida que a sua realização havia de provocar, agregada à admiração sem limites. Essa a razão também porque tudo era dirigido ao Dr. Vitor do Amaral, mais conciliante e sempre posto nas situações de preeminência.

Euclides Bandeira publicou na Ilustração Paranaense uma página inesquecível em que contava: "Por mais esquisito que pareça, nossa amizade com o Dr. Nilo Cairo começou debaixo de uma cama".

"Não tínhamos um do outro a mínima notícia, quando na 3.ª companhia da gloriosíssima Escola Militar da Praia Vermelha, nossa bisonhice de adolescente ficou atarantada diante dos olhos faiscantes de um veterano ruidoso. Era Nilo Cairo! — As modificações da vida ainda não haviam embotado a natural expansibilidade de sua idade folgozã.

"Aluno do curso superior, homem feito, não desdenhava pôr endemoninhada verve a serviço da apoquentação dos míseros bichos. E, por ordem sua, para que contássemos os minutos,

lá fomos parar sob um leito de ferro, de onde, por sinal, não vislumbrávamos sombra do relógio na parede.

"Breve, noutro tom: — Venha cá. Eu também sou paranaense. Quando precisar de alguma coisa, apareça. Olhe: Eu moro aqui...

Foi o primeiro trote que levamos no Tabernáculo da Ciência naquela época de terribilíssimas provações para os calouros.

Reencontramos-nos em Curitiba, Nilo chegava ajorizado de pergaminhos, o indicador refulgente como irizada vitrine de joalheiro: Bacharel em matemática e ciências físicas, agrimensor, engenheiro militar, médico...

Sobretudo médico, pela vocação e pela cultura e mais pela piedade.

A primeira vez que ele nos visitou no Diário da Tarde que ficava parede meia da **"Protetora da Infância"** do saudoso Dr. Leão, impressionado com o grande número de pobres criancinhas enfermas. Nilo prontificou-se a abrir um dispensário infantil em sua própria residência à Rua Dr. Murici.

Discípulo de Hanneman, tratava pela homeopatia, fornecendo logo gratuitamente o remédio.

No referido jornal estão as movimentadas estatísticas mensais do dispensário. Um belo dia, em 1912, sobreveio-lhe a máxima, a gloriosa obsessão. Silvio Schleder, então 2.º tenente acolhera a idéia de modesta escola de engenharia. Ciente de que o Nilo cogitava de idêntico projeto, procurou-o e ficou atônito.

Qual escola nem meia escola: Uma **universidade!**

Nilo Cairo cuja capacidade de trabalho era assombosa, na consecussão do seu glorioso tentamen, revolvía céus e terras, pondo em jogo todos os recursos numa centriplicação de sua admirável energia realizadora. Distribuía tarefas aos amigos, cabendo-nos, entre outras conseguirmos a aquiescência do Dr. Pânfilo de Assunção.

— Preciso de Pânfilo! — dizia; É homem de ação, fez a Associação Comercial. Juntos faremos um mundo! — E, na fase áspera do início, contou com a sabedoria e o esforço do eminente mestre do Direito, contando também com a paciência e a resistência do seu companheiro de glórias, o Doutor Vitor do Amaral, reitor vitalício.

Blank Page

IV

O ESTABELECIMENTO. AS DESILUSÕES.

Para a inauguração em 19 de dezembro de 1912, em sole-
nidade festiva e discursiva oficial, Nilo Cairo teve que desdo-
brar-se. Mas atendeu a tudo, desde as principais pedras iniciais
até às presenças desejadas na Assembléia Legislativa, tornada
histórica pelo evento. Em seguida a construção do edifício cen-
tral, acanhado ainda, e desarrumado no terreno que mostrava,
pelo vazio, a tarefa a ser terminada. Pôs mãos à obra, e com a
admirável paciência do construtor Bôrtolo Bergonse, o edifício
cresceu e foi até à cúpula, tal como ainda as fotografias antigas
podem mostrar.

Depois de ter levantado da parte central do edifício à frente
da praça Santos Andrade, ele que bravamente lutava contra des-
lealdades e resistências locais, viu que as coisas também pio-
ravam no campo federal. O novo ministro da Justiça (Dr. Carlos
Maximiliano) que não tinha a liberdade nem a grandiosa visão
de Rivadávia Corrêa, teria sido o principal causador da atividade
desanimada, dessa espécie de desmoração psicológica de-
pois de dois lustros de incessantes lutas, do Dr. Nilo Cairo, que
resolveu retirar-se para São Paulo, deixando o campo livre, mas
ainda seguro em forte esteio.

Se então a ponderada atitude do Dr. Vitor do Amaral entrou
em cena definitivamente, para sustentar e manter o que o gesto
de sonhadores impetuosos havia levantado, e ameaçava ruir
como ruíram Manaus e São Paulo.

Se Nilo Cairo chegou a desanimar, se nunca lhe havia fal-
tado coragem para a obra ciclópica, faltou-lhe (à vista do que
lhe pareceram dificuldades irremovíveis) essa perseverança
quase inconsequente que os grandes iludidos possuem.

Sebastião Paraná volta a referir-se:

"Retirando-se do Paraná foi o busto em bronze do ilustre paranaense colocado no vestibulo do edificio da Universidade em 19 de agosto de 1921. No ato solene da inauguração, o Dr. Vitor do Amaral pronunciou longo discurso, historiando a fundação desse egrégio estabelecimento". E acrescentou: "Mas diga-se a verdade: Se o Dr. Nilo Cairo foi a mola impulsora da fundação a 19 de dezembro de 1912, o Dr. Vitor do Amaral foi e é o espirito conservador, o mantenedor dessa obra gigantesca que tanto exalta os créditos moraes e intellectuais do Paraná."

A volta à situação de aluno, em São Paulo, é faceta da sua biografia que não deixa de ser das mais curiosas. Chega a parecer **"mania de títulos"** algo que suas convicções positivistas excluiriam de cogitação. Não poderia dar importância nem a títulos nem a exterioridades vaidosas com que jogava ao contar com as reações alheias, mas tinha gosto em ilustrar-se. Acreditava na educação permanente e costumava medir o estágio das suas informações através das aulas que assistia, dadas por outros professores.

Foi nesta segunda fase de sua vida que pensou em publicar obras que tinha engatilhadas em seu possante cérebro, imaginando o quanto podia ser útil.

Já havia publicado o tratamento homeopático da coqueluche, o da influenza, o das moléstias tropicais (1906 a 1909).

Publicou então o Guia da medicina homeopática. (1921). — Já havia publicado vários pequenos volumes como "A cantárida, os antimonias e os solicitados — na terapêutica oficial, todos em 1904. Em 1905 — "Medicamentos complexos, e Hahnemann". — Em 1910 foram vários outros trabalhos dados à luz: "Lachesis Mutus, Crotalus terrificus, Lachesis Lanceolatus, Elaps Colcallinus." e "A febre amarela e seu tratamento homeopático". Pouco depois em 1916, publica em primeira edição duas grandes obras: "Elementos de fisiologia e Elementos de patologia geral".

Dir-se-ia que um homem tão extraordinariamente cheio de atividade prática não poderia ter lazeres, tempo para meditar sobretudo tempo para escrever e publicar. Mas ele teve!

Depois de chegar a São Paulo derivou para agricultura os seus esforços e escreveu "A cultura da terra" e o "Guia Prático da cultura do fumo", que serviam em seu espírito, como elementos de antagônica satisfação religiosa, com certeza.

A descaída de ânimo do início da década dos vinte (a última que viveria depois da sua gloriosa atividade) teria o efeito de merecido descanso após grandiosíssima fadiga. Então cuidava do aliciamento de professores e alunos, a garantir a estabilidade da instituição. É Euclides Bandeira ainda, no artigo a que já fizemos referência, quem conta:

"Depois começou a recrutar alunos: — Você que tem os preparatórios todos, também vai tirar um curso superior.

E um lhe respondeu: — Isso agora mais devagar. Só quando v. fundar um curso de guerra... Era alusão ao seu medíocre entusiasmo pela farda, que aliás, por todos os títulos ele sempre honrou. Preferia, porém, andar sempre em traje civil, conforme já contamos.

Quando 2.º tenente, Nilo costumava fardar-se na casa de um cabo de confiança, perto do quartel do 6.º Regimento de Artilharia. Certa noite, como oficial de estado, mandou uma escolta prender vários soldados que armavam desordem num bailarico ali pelas imediações.

De envolta com praças, um civil.

— Porque trouxeram este paisano?

Atentou. Ora essa! Era o cabo de confiança, encasernado em seu terno; chapéu côco e fraque de orelhas que a maestria caricaturística de Herônio recortava na revista Olho da Rua.

— No dia seguinte, quando Nilo ainda indignado relatou o caso, houve na redação do Diário verdadeira apoteose de risos, destacando-se a gargalhada ampla, sonora, risada de uma alma límpida, — João Gualberto o homem da página sombria do Irani.

Esgotamento e desgosto à vista de inexplicáveis resistências, produziram sua retirada do Paraná.

Os que não desejavam assistir a natural projeção do seu nome, conferiram-lhe a benemerência. Deram-lhe um busto de homenagem, no primeiro lance da antiga escadaria de honra.

Quando voltasse ao Paraná sua segunda esposa já teria desaparecido, mas o seu próprio fim já estaria bastante próximo.

"O que é preciso ficar acentuado de público em linhas fortes, é uma das faces mais fulgurantes do poliédrico talento do notabilíssimo paranaense (diz E. Bandeira). Em nossa impren-

sa ainda não vimos quem lhe levasse vantagem. A par da vasta e sólida cultura científica, a vivacidade de um estilo fluente e a maravilhosa destreza de terrível esgrimista na polêmica, onde o seu espírito sarcástico e a cruel mordacidade de sua ironia, chegaram a ser diabólicos.

Escrevia com rapidez, assinando os artigos (outro traço que lhe vinha de convicções positivistas).

Recordamos escachante série com pseudônimo Gávea, sobre missões militares estrangeiras.

Aqui, no Rio e em São Paulo, sustentou memoráveis discussões. Amava as polêmicas (chegava a provocá-las) e estava sempre pronto ao revide. Por isso mesmo lhe estranhemos a atitude, quando deixou (1926 ou 27) ficar no tapete um enfatuado cartel.

E então?

Nilo Cairo envelhecido e doente (retirando a mão de ao pé do ouvido, onde a tinha em concha) traçou um gesto vago e murmurou: — Tudo passa!

V

AS CARTAS

Vitor do Amaral — Nilo Cairo

A primeira (24 de fevereiro de 1917) é do Dr. Vitor:

"A convivência durante quatro anos (1913-1917) e a camaradagem leal, visando ao mesmo ideal — a organização estável da Universidade — induzem-me a reencetar nossa correspondência, e o faço para mitigar saudades, pois sou dotado de temperamento muito afetivo.

"Pelo Viana recebo notícias suas e apraz-me saber que vai conquistando na clínica os louros e não menos os ricos cobres dos paulistas, o que era de esperar da sua notória competência.

"Por aqui vamos indo com as mesmas lutas econômicas e sofrendo as conseqüências decorrentes da falta de reconhecimento da Universidade, que se espera conseguir no começo do próximo ano.

"Quanto mais o tempo passa mais admiro o seu trabalho perseverante e assíduo. Ele facilitava tanto a minha administração que hoje, só ao passado me emparelho redobrando esforços.

"Serei sempre eternamente grato à sua pessoa; ainda serei o maior pregoeiro da justiça a ser proclamada pelos tempos a fora em decisão que há de ser emitida face ao seu mérito e à sentença que faz justiça eterna, que é a da história.

"Abraça-o afetuosamente, desejando que tenha desterrado para bem longe o "spleen" e a sua misantropia, o amigo certo e muito grato, Vitor do Amaral.

O quinto período desta carta não tem, no original, o mesmo teor, mas o mesmo sentido. No original o Dr. Vitor fala em "justiça que lhe assiste e que há de ser emitida e pelos tempos

proclamada". Na realidade a emissão é da sentença, e a justiça é feita pela história. Para melhor sentido torcemos algo o texto, deixando-o mais estético.

Pensei por isso, que seria melhor tornar explícita e clara a idéia que o grande Primeiro Reitor da nossa Universidade escreveu obscura e a lápis; no esboço que permaneceu em seu arquivo, visto que nem o que passamos aqui nem o que ele deixou serão certamente os textos definitivos que talvez se houvessem perdido entre os preciosos papéis do Dr. Nilo Cairo.

A carta de 17 de abril de 1917 de Nilo Cairo mostra o amargor que encerrava em seu coração contra os que mantiveram com ele uma luta sem tréguas mas subreptícia e traiçoeira, além do mais porque ele não ouvia, as comunicações pessoais não eram plenas, mas parciais.

Na carta de data acima indicada, ele dizia: "Vitor, recebi sua carta. Spleen e misantropia já se foram. Vim para este canto de São Paulo reconstruir a minha vida e julgo ter atingido o fim a que me propus. Vivo alegre e satisfeito, leve como uma pena, sem ter mais nada a desejar. Apenas foi preciso para isso o isolar-me dos "amigos" e parentes. "Longe deles vivo livre da malícia, do comentário e da calúnia, pratos sociais das nossas afeições.

"Vivo livre, das opiniões dos campônios sobre o burro e o almocreve da fábula.

"Aqui não tenho amigos nem parentes.

Sou só e sou feliz nesta grande cidade que se agita em torno de mim sem saber que existo.

"Do resto do mundo nem quero saber. Fiz-me egoísta até à medula dos ossos. Não dou mais um passo que não seja pago. Prefiro ficar tranqüilo e ignorado no meu lar a trabalhar de graça para ingratos. E como não sou ambicioso contento-me com pouco no mar de sossego, paz e felicidade de meu isolamento.

Inveja-me pois, Vitor, e desculpe-me se não trato mais das coisas da sua Universidade. Do resto do mundo, repito, não quero mais saber.

"Que a Alemanha morra ou vença, que seja o Dantas ou o Rodrigues Alves o futuro presidente, que o Contestado passe ou não para Santa Catarina, que o Vitor do Amaral seja ou não o famoso diretor da ciência no Paraná e mais, e mais... que me importa?

"No ninho ignorado onde vivo amo a vida pela primeira vez e sinto que a amarei de ora avante até morrer...

"Quer prova de que mudei?

"Deixei de fumar e oiço missa, invariavelmente aos domingos. Em matéria de filosofia também retrogradei além da teologia, e nessa queda vertiginosa, fiz-me idólatra!...

"Ali pelas dez horas quando os templos regorgitam de fiéis, prostrados aos pés dos altares pelo fim da crise mundial, com o Dr. Nilo se depara, ajoelhado por detrás de grossa coluna pedindo ao destino que lhe conserve a ventura de que gozo...

Adeus pois, meu caro Vitor, e seja você também muito feliz. É o que lhe deseja o Nilo Cairo.

Não há dúvida que um complemento em forma de "post scriptum" havia de terminar esta missiva em termos inteiramente reais que tornassem a primeira parte compreensível, separando os falsos amigos dos amigos bons que ele sem dúvida prezava, e que existiam, e mesmo separando os parentes falsos dos bons que lhe mereciam estima, também.

Por outro lado sua queda afetiva ao egoísmo infinito, foi blague, tão profunda quanto a sua retrogradação além da teologia. Nilo Cairo no P.S. manda lembranças aos amigos (bons) e intercede com justiça, em favor de um cunhado. Fala no destino (que são as leis naturais) e nunca deixou de ser positivista convicto e militante embora não filiado a quaisquer grupos. E sabia (melhor do que ninguém) que às leis irrevogáveis e eternas nada adianta pedir-se, pois o que é não se muda segundo caprichos nem fantasias...

Na carta de 14 de maio de 1917 Nilo dizia ao seu amigo:

"Recebi sua carta de 7 do corrente e mais uma vez lhe manifesto o meu pesar pelos dissabores porque passou.

Diz bem: "Ninguém deve desesperar da sua sorte. Também eu nunca desesperei, e ao cabo de seis meses desta cura de clima, eis-me perfeitamente restabelecido.

"Há apenas uma diferença: É que perdi ilusões e ambições. Os meus ideais estão reduzidos a muito pouco: Comer e dormir em paz, ganhando o suficiente para isso. Tal a causa de não haver abandonado minha velha idéia da lavoura.

"Como sabe os chamados domiciliares são feitos aqui,

pelo telefone, e o consultório (que ainda espero montar à custa de uma farmácia homeopática que se pretende abrir aqui) ficar-me-há à mão, de bonde ou de estrada de ferro.

"Veja bem que cada vez ganho mais horror às multidões, sobretudo às maldizentes que, com os seus dizem-dizem, tanto mal fazem aos nossos corações.

"Foi esse afastamento dos comentários que me curou. Hoje sinto-me de perfeito bom humor e amo a vida, como lhe disse: **"Se não morrer dentro de dez anos, espero ser o homem mais feliz da terra, depois de 42 anos de luta, ingloria e vã."**

"Presentemente não desejo mais nada, senão que tudo me corra como vai correndo: Em paz, ignorado em meio à imensa multidão... É tão bom ser desconhecido de quem nos passa ao lado!? Só hoje sei o quanto é horrível ser-se um homem célebre!

"Por isso não espero mais voltar ao Paraná, ainda que o meu ódio aos "patuscos da minha terra" tenha abrandado, depois que me sinto feliz.

"Certo hei de um dia voltar, mas a passeio. Daqui a quantos anos?

"Não vá v. também morrer antes que isso aconteça. Mas creio bem que se não morrermos dentro destes cinco anos, havemos de raspar juntos **uma última vez**, os degraus da escadaria da Universidade."

"Hei de então, estar de novo casado, porque apesar do que as mulheres me têm feito sofrer, ainda não desci do coração feminino, e nisto sou fiel ao meu venerando mestre Augusto Comte.

"A felicidade doméstica será para a segunda metade da minha vida, e poderei então dizer que, se há mulheres doentes que nos transformam a vida em inferno, também há mulheres sãs que nos embelezam a existência e dela fazem um jardim florido...

"Conhecerei essas coisas um pouco tarde mas conhecendo morrerei consolado, podendo proclamar que, na terra, a vida é boa... e adeus!

"Se quiser doravante alguma opinião minha sobre a **sua** Universidade, algum esboço de regulamentação sobre qualquer

* Esta alusão deve corresponder a realização efetiva em uma ocasião qualquer, em que Reitor e Secretário fizeram o trabalho de faxineiros a bem da Universidade.

assunto, é só escrever. Estou ao seu dispor, com a minha velha energia".

É fácil ver que o homem generoso, capaz e altruísta estava sempre latente. A menor alegria voltava, obscurecendo rancores egoístas de que às vezes se quiz mascarar fantasiando-se. Mas era lutador. E de grande porte. Não fosse, e sua obra teria ruído. Ao contrário, porém, há de eternizar-se!

Carta de Nilo Cairo, de Mogi das Cruzes, de 27 de abril de 1918, respondendo à de 20 do mesmo mês e ano. Diz:

"Agradeço sensibilizado suas bondosas referências aos meus préstimos como secretário da Universidade, e lastimo não tenha encontrado auxiliar ativo bastante para ajudá-lo a levar essa cruz às costas.

"Quanto à mim, não é paranafobia".

"Depois do que aconteceu na minha vida privada, da reprovação à minha ação pelo fato da eleição à mesa da Santa Casa, creia que eu seria inteiramente destituído de brio se permanecesse aí. Afinal eu não ambicionava grandezas nem fortuna. No dia em que me desprestigiaram foi forçoso que me afastasse.

"O Paraná ganhou. Em troca da minha saída ficou com muita gente boa... Para que lastimar? O Paraná ganhou. Quem perdeu fui eu: O ouvido que já não dava na clínica piorou de vez. e era eu um remédio velho e arruinado.

"Que fazer? Empregar-me como caixeiro?

"Só havia uma profissão digna dos meus nobres pergaminhos: A do lavrador. Tomei uma excelente fazendinha e eis-me agora feito agricultor. Não havia que refletir ou temer arrependimento, mesmo porque aqui não há gafanhotos como em Itapeiruçu. As geadas são raras e as épocas de chuva e seca bem determinadas.

"Tenho terras para tudo. Desde o alto do morro até às baixadas do Tiete para o arroz. E o sítio está já, montado com safra de cereais: Pendente, pasto, horta, pomar, mata grossa, plantações, casa de tijolos com sete cômodos, estábulo, galinheiro, paióis, ranchos, grande chiqueirão, água nascente-corrente, poços e até jardim. Tenho cerca de 800 pés de abacaxi e 300 de uvas, fruteiras de todas as qualidades. Os limões que se vendem a bom dinheiro estão carregados de vergar até o chão.

"Assim, logo de entrada ainda nesta colheita vou fazer um

cobrezinho... Ora: isto não vale mais do que ser empregado público aposentado?

Pois ou o antigo secretário da Universidade morreu ou dentro de poucos anos há de ter aqui, uma fazenda modelo. Já comecei a agir com a velha energia de antanho... Há três dias, abrindo picada para lançar uma cerca, caí num brejo, atolei-me e apanhei uma bronquite. Mas levanto-me às 5 1/2 da manhã e às 8 da noite já estou de sono ferrado. A cabloclada nunca viu um doutor que os pusesse assim a trato: Trabalham como se fossem bedéis da Universidade!

"Agradeço os votos para que o tempo me atenuie a paranafobia". Creio que ela estacionará no estado crônico, porque, chegada minha existência a este ponto, não sei quando tornarei a ver as terras do Paraná. Creio que nunca mais.

"Em todo o caso espero que, quando v. passar por S. Paulo, venha até a minha porteira: Vinte minutos a pé, da estação de Magé. Está servida por 8 trens de subúrbios diários...

"Vê pois v. nunca mais lhe poderei servir de préstimo algum: Aguarde só a Cruz da Universidade e leve-a ao Calvário. É ter paciência, que após a equiparação vai tudo aí reflorescer.

"O Paraná lhe pagará o sacrifício... A minha paranafobia perfeitamente injusta!

Mas olhe: prefiro à glória, porcos e frangos bem vendidos, e centenas de alqueires de milho a colher por estes dias. Prefiro certamente este milho às palmas das torrinhas!

"E a propósito: Escrevi livro de 700 páginas "Guia Prático do Pequeno Lavrador. Estou negociando a venda. Dentro em pouco espero escrever outro " Guia Prático do Criador de Gado Ovíno".

Inundação de publicações para a lavoura!

Aqui no sítio tenho tudo para observar e criticar!

Espere pois, v. para ver até onde vai o antigo secretário... O tempo já me falta! Adeus, pois, e lembranças ao pessoal da Universidade. Nilo Cairo.

Aqui as amarguras e as ironias se entremeiam de ilusões. A agricultura salvo para os que nela nascem e nela se fazem, não é mar de rosas.

Mas para Nilo Cairo era arma segura de inúmeras e novas esperanças ou também antecedente de novos desenganos! E muito amargos!

O APOGEU DO DESENGANO E DA REVOLTA:

OUTRA CARTA DE NILO CAIRO

De Mogi das Cruzes, o Dr. Nilo Cairo ao Dr. Vitor do Amaral, Mostra perfeitamente como os dois máximos responsáveis pela primeira Universidade (do Brasil) se completavam. Enquanto Nilo era de u'a atividade assombrosa, quase doentia, nas suas explosões, logo se irritava, antagonizava-se com as pessoas e acabava desanimado, como temos visto pela sua própria correspondência, Victor do Amaral, que talvez, nunca iniciasse de sua própria conta um movimento desses, é o homem calmo, vivido, experiente e pé de boi, na espera de resultados que ao seu colega já pareciam inatingíveis. Esta é de 11 de agosto de 1918. Diz, ainda entusiasmado da agricultura: "Recebi ontem sua carta de 7 do corrente e hoje chegou aqui, enfim, a encantada muda de mate, depois de apenas vinte dias de viagem! Felizmente ela chegou em bom estado e amanhã vou tratar da transplantação.

"Ficam-lhe aqui, pois, os meus agradecimentos por esta excelente aquisição, que, se pegar, vem introduzir o mate no Município de Mogi. Ainda este ano plantei também pés de chá.

"Isto posto, quero dizer-lhe o que penso do futuro da nossa Universidade.

"Não creio uma linha no reconhecimento dela pelo Poder Legislativo (e nisto tinha inteira razão conforme a história da nossa Universidade o provou flagrantemente).

"Os nossos deputados e o governicho (do Paraná) **"não valem dois caracóis junto da união"** e nada farão.

"Quanto à encampação pelo governo estadual, julgo-a inexecutável, por causa, como lhe disse, da acumulação de vencimentos estaduais e federais. Um militar não poderá ser lente per-

cebendo dinheiro do Estado e ao mesmo tempo da União. Creio que é isso.

"E imagino certamente a prebenda que v. leva aos ombros **"em caminho do cemitério das nossas ilusões"**. O Paraná não é ainda, nem será por dois ou três séculos, terra para universidades!

"E v. há de agora confessar que eu fiz muito bem em atirar tudo isso às ventas de um **"povo atrasado, cujos dirigentes não compreendem o bem que se faz à sua terra..."**

Tudo isto parece referir-se à mentalidade de hoje, 1983 apesar de que o Brasil já possui 70 universidades e o Paraná sete, embora a maioria em situação precária.

E o Dr. Nilo continua:

"Inveja-me pois. Inveja-me. Planto o mate para um dia fazer chá e o feijão para alimentar-me. Isso é melhor do que andar a dar tratos à bola para **"fazer bem aos outros e levar coices após"**.

V. também há de ser crucificado. porque ninguém, certamente há de avaliar o que gastamos de fósforo cerebral e de energia moral, para levantar nossa instituição que o Paraná não merece. Nem o Paraná nem o Brasil.

Eu fico plantando batatas...

Adeus, Nilo Cairo."

OUTRO ESTILO EPISTOLAR

A carta de Nilo Cairo de 10 de outubro de 1919 não parece ser da mesma pessoa que escreveu as anteriores, tal o apoio moral que empresta ao Dr. Vitor do Amaral e tal a confiança que mostra quanto ao futuro da instituição universitária. É também escrita de Mogi, e diz:

"Meu caro Vitor: Tenho presente a sua carta de 29 do passado, que só ontem me chegou às mãos.

"Vejo quanto v. está impressionado sobre o futuro da Universidade, apesar da fiscalização.

"Supuz que o empréstimo de que v. tratava em S. Paulo fosse de capitalista. Se soubesse que era com bancos já o teria desiludido. Os bancos são os mesmos em toda a parte...

"Tenha porém coragem, e reforce a sua tenacidade. Estou em que a Universidade vencerá todos os obstáculos.

"Acho que faz muito bem em ficar só com o Hugo. Apesar de apreciar muito a atividade do Oscar, sua atitude estava prejudicando a Universidade, e apesar de gostar muito dele, sou de opinião que não deve voltar à direção da secretaria, a não ser que o partido antagonista vença por duplicata de governo, o que não acredito. E neste caso o Hugo pode subir a diretor de secretaria.

"Quando a mim lastimo sempre que as circunstâncias infelizes da minha vida me tenham obrigado a deixar em suas mãos essa prebenda, essa cruz que v. vai arrastando ao calvário.

"Mas console-se comigo que também vou arrastando a minha cruz e esta é a que me põe calos nas mãos. Aceite v. abraços do amigo velho Nilo Cairo".

Através desta carta sente-se bem que mesmo de longe

Nilo Cairo estava influenciando. Não seria pois, estranho, que, se a Reitoria fizesse o Panteon que me pareceria justo para os primeiros reitores, no edifício Velho da Universidade, Nilo Cairo fosse necessariamente incluído como figura essencial.

Num artigo de Nilo Cairo contando da fundação e das dificuldades para a estruturação inicial de 4 de agosto de 1920, ele apontava como essencial a figura de Bôrtolo Bergonse que levantou o primeiro edifício com toda a sua imponência, sem que houvesse dinheiro para isso.

Quando eu estudava engenharia (no edifício central e no centro da cidade) havia inúmeras placas de honra que contavam a história das dificuldades iniciais.

Onde teriam esses documentos concretos da vida universitária inicial, ido parar? Não se fará o projetado museu da Universidade? Não se colocará no minúsculo sobradinho da Rua Comendador Araújo uma placa contando a história de que Nilo Cairo e Vitor do Amaral foram protagonistas e heróis?

Na realidade o Paraná que se deve orgulhar de ter construído a 1.^a Universidade do Brasil deve contribuir para que o Brasil conheça o que lhe deve através dos seus ilustres filhos!

NILO PANFLETÁRIO

A carta de 23 de maio de 1920, de Mogi das Cruzes como as antecedentes, comenta um artigo do "Comércio do Paraná", chegado de Curitiba, e põe em evidência o interesse que havia, da parte do Dr. Nilo Cairo, pelas coisas da Universidade que com o Dr. Vitor havia fundado. "Meu caro Vitor: Esquecido já andava, da nossa correspondência, quando ontem, um artigo que li no "Comércio do Paraná" da lavra do Sr. Danilo do Cairo (sou capaz de jurar que é o Assis), veio tira-me dos meus cuidados agrícolas. Não quero desmenti-lo, sobretudo naquela (referência) ao grande patriota, que acompanha os passos da Universidade com imenso carinho, o que me deixou muito enternecido, a ponto de deixar a construção de um telheiro que estava fazendo para a minha moenda de cana, para vir meditar, encostado à cancela do terreiro.

"E o que é certo é que nada do que aí se passa me tem escapado. Três ou quatro dias depois estou eu aqui ciente. Até o papelucho (com os versos do Antero, do Gabriel Quadros) cá me veio ter. Assisti também à polêmica do Assis com a Pro-filaxia Rural, que o João Candido atalhou.

"Pois diga ao Assis que apesar de muito desiludido das glórias da ciência, lamentei não estar aí para ajudá-lo a acharar essa escandalosa especulação inconfessável que se chama Pro-filaxia Rural. Nunca vi uma mentira mais estúpida do que dizer-se que o nosso caboclo é doente. Há mais de dois anos lido só com eles (caboclos). Inúmeros tem passado pelo meu sítio e tenho andado pelas suas choças, e até hoje não encontrei um único doente!

"Então: Porque essa gente é preguiçosa, indolente, pálida, rotineira? **Vício de educação e nada mais.** São almas mal formadas, criadas no isolamento dos sertões, insociáveis, sem noção dos deveres da sociabilidade e da solidariedade humanas, e analfabetos...

"Mas opilados? Opilação tem a Profilaxia Rural no miolo!

"Doutores que nunca conviveram com os nossos operários rurais, que não estudaram a vida deles, incapazes de observar, médicos sem clínica, inventaram opilação, malária e outras tolices...

"Por vezes, ao ler essas patranhas nos jornais tenho ímpetos de meter o cacete nessas bobagens.

"Não se viu há pouco o Monteiro Lobato aconselhar 20 milhões de pares de sapatos para calçar a caboclada? Ele nunca entrou em mata virgem. Calçado!? Queda sobre queda, escorregão sobre escorregão! E o caboclo descalço ri-se do doutor de botas. Ele se agarra com os dedos do pé e não cai.

"Imagine agora os caboclos a fazerem uma derrubada de botinas! É nunca ter visto o terreno de uma derrubada!

"Querem também que eles adotem o sistema métrico... Mas nas serras e matas só se tem o palmo e a braça à disposição. É abrir o metro e estará engatado na ramagem, a quebrar-se... É positivamente falta de senso prático.

"Mas para que discutir? Cá do meu retiro, rio-me desses idiotas que querem reformar coisas complexas com medidas simplistas: Curar preguiça hereditária do caboclo com cápsulas de quinino...

"Mas se eu estivesse aí diria essas coisas aos Medeiros, aos Heraclides, aos Amarílios... Quase mandei a eles um saco de erva de rato com que mato aqui no paiol, a rataria...

"Mas voltemos à Universidade.

Vocês são uns heróis, Tem lutado contra as intempéries. Louvo sua coragem. Mas isso prova que ninguém é necessário neste mundo:

"A obra gloriosa do Nilo Cairo (óh! Que gente pau!) encontrou sucessores que em nada ficam devendo a este. Pelo contrário parece que vocês tem mais bravura do que eu, que me pus ao fresco com o primeiro revez na Santa Casa...

Abraços ao grupo e adeus. Nilo Cairo.

A carta traz este gostoso e elucidativo post scriptum: "Diabo! Agora me lembro que v. é diretor do Serviço Sanitário! Que crítica mui eu fazer da Profilaxia Rural. Que desastrado sou! Desculpe-me...

SOBRE A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE

A carta do Dr. Nilo Cairo, de 30 de julho e a última do ano de 1920, antes que ele recordasse (do que os jornais fizeram públicas suas descrições) alguns episódios históricos da fundação da primeira universidade do Brasil.

Vejamos essa carta o que diz: "Meu caro Vitor: Recebi hoje o seu telegrama de congratulações pela equiparação da Faculdade de Direito.

"A resposta a este telegrama encontrarás no "Comércio do Paraná" algumas horas após receberes esta. É tão grande que não me animo a transcrevê-la aqui.

"Ao passar v. para o Rio, eu estava na estação de Mogi das Cruzes e o vi a caminho do carro restaurante. Chamei. Gritei. A sua fome era tanta que v. não me ouviu. V. de boné na mão e manta ao pescoço, sempre gordo e bonito! Mas eu não pude mais entrar no trem e v. lá se foi.

"Agora quero dizer que espero liquidar até dezembro a minha dívida de três contos na Universidade.

"Aqui vai uma notícia reservada: Vou deixar o mato e voltar ao seio da civilização lá por outubro ou novembro. Da agricultura passo para a indústria, como diretor técnico dos laboratórios de uma companhia anonima que se organiza em São Paulo. Bom cobre e contrato.

"Ora pois! Veja lá se ainda v. me vê um dia de novo na sua Universidade. Vim para aqui sem um real. Saio com trinta contos e dentro de cinco anos estou certo que terei cem.

"Então, quem sabe se esta minha cara ainda aparecerá por aí a rever o campo das passadas glórias? Adeus e muitos abraços do Nilo Cairo.

Ao telegrama de congratulações do Dr. Vitor em que o cha-

mava de "mais esforçado fundador", Nilo Cairo respondeu: "Muito comovido acabo de receber o seu telegrama". Como este era assinado por outros amigos além do Dr. Vitor, ele distribuiu um epíteto afetivo a cada um: Chamou o Dr. Assis de incomparável; o Dr. Aust de melhor alemão do mundo, de que se pode honrar a velha Germania, e o Dr. De Plácido de azougue, declarando desejar ter braços de vários metros de comprimento para estreitar a todos num único amplexo em que além dos nomeados todos quantos concorreram para o surto **"dessas paredes" da Praça Santos Andrade** de que tinha tantas saudades!"

Revida a declaração de "mais esforçado fundador" e atribui esse qualificativo ao próprio Dr. Vitor, dizendo que no fundo "todos" haviam contribuído "com iguais parcelas de amor de dedicação e de coragem" e que seria difícil dizer qual o que mais se esforçou na "ingente construção". E acrescenta: "Não tivesse tido essa Universidade o Reitor que tem tido, pachorrento, tenaz, possuidor do mais admirável **"sangue de barata"** que conheço; corajoso sustentador (com galhardia épica) das últimas, mais terríveis e perigosas lutas perante o severo Conselho Superior de Ensino da República e a nossa odisséia não teria vingado".

E continua: "Lembra-se do dia em que assinou com esse herói Bortolo Bergonse o contrato de 350 contos para a edificação da Universidade?

"Não tínhamos um vintém na bolsa; os seus inquilinos em atraso; cheios de dívidas (e eu um pé rapado), a assumir uma enorme dívida, você me interpelou: — Como pagar 350 contos se nem um temos em caixa?

"V. sentado à minha mesa, eu de pé ao seu lado e com ar profético de um novo Cristo trágico mas frio disse:

— Assine Vitor!

— Mas olhe...

— Assine! Que importa que não tenhamos um vintém? Depois do tijolo estar na parede quero ver como o Bortolo o irá tirar de lá...

— Vejam bem!...

— Assine!

Então v. se iluminou da coragem dos que descobrem mundos e assinou.

Que teríamos feito se a sua decisão heróica não tivesse traçado o seu nome nesse momento?

Qual de nós fez o maior esforço?

E esse Bortolo que sabendo-nos sem dinheiro ousou meter mãos a obra? Não merece uma estátua?

Ele também tem parte nessa filha que nos enche de orgulho e vaidade!...

Blank Page

AINDA A FUNDAÇÃO

Na sua carta de 30 de julho de 1920, publicada no Jornal do Comércio do dia 4 de agosto, o Dr. Nilo Cairo, dizia, a complementar quanto anteriormente temos publicado: "Mas quantos outros têm direito ao mesmo quinhão de glória?"

"Um dia deve lembrar-se, naquele casarão da rua Comendador Araújo, só havia então, duas mesas entre as paredes nuas; v. sentado na sua, eu sentado à minha, à espera (com o coração aos pulos) que aparecesse o primeiro aluno. O Cordeiro que então acumulava todos os cargos da administração interna (contínuo, bedel, porteiro, servente), anunciou-nos que um sujeito nos desejava falar.

"Eu empalideci. V. cor de cera olhava para a porta por onde entrou um sujeitinho baixote, moreno, cara de japonês.

"Era o primeiro aluno. Vinha matricular-se no curso de Direito e exhibia atestados do liceu alagoano. Perguntei-lhe como se chamava.

— Oscar Joseph de Plácido e Silva.

"Era o primeiro herói: o primeiro ousado.

Dirigi-me a v: — Estamos precisados de um amanuense para a secretaria.

O Oscar atalhou: — Se quiser posso servir, trabalhando à noite...

— E quanto quer pelo seu trabalho?

— Sessenta mil reis!

"Quantos se afastavam com dor de uma obra que também era obra sua?

O Aus-tesoureiro! O Daltro que nos sustinha nos momentos de desfalecimento!? E o Flávio...

Até o Benjamin Lins nos alentava com a sua ironia quando, após longa licença, subiu estupefato as escadarias do novo edifício e, a olhar para os lados me perguntou:

— Ó Nilo? Onde foram roubar dinheiro para isto?

"E eu lhe respondi: — Sei lá!...

E o Barcelos? E o Baeta? E o Petit? E o Carlos Cavalcanti? E o Luis Bartolomeu?...

"Mas para que citar nomes? Todos nós devemos abraçar jubilosos da vitória alcançada e prenunciadora de novos triunfos, num amplexo que nos triture os ossos em holocausto à nossa querida filha..."

"Não houve pois, nem menos nem mais esforçados fundadores. Todos concorreram igualmente para essa obra imorredoura e nessa pleiade de guerreiros audazes, não desejo senão o lugar mais humilde e mais obscuro, como é humilde e obscuro este canto ignorado da Serra do Itapety, onde sepultei as minhas ilusões perdidas e os meus sonhos desfeitos..."

Tais, são as expressões do Dr. Nilo Cairo a propósito da fundação da Universidade. Ainda que Vitor do Amaral e Nilo Cairo se atribuam reciprocamente a primazia do direito às glórias da realização e todos os reconheçam como principais, em nível bem superior a todos os outros, a obra foi coletiva, foi uma grande obra pelo exemplo e pelo pioneirismo.

OUTRA

"Meu caro Vitor: Já estava no correio uma carta que escrevi ao Assis, na qual dava-lhe as minhas felicitações pela Faculdade de Medicina do Paraná ter sido fiscalizada, o que vim a saber por um telegrama de "O Estado", quando ontem recebi o telegrama de vocês, com aquele "hurrah"! que me despertou num estremecimento, o cadáver dos meus entusiasmos da mocidade...

"Respondi imediatamente com o verso de Virgílio na Eneida: **Audentes** (e não audaces como erradamente se diz, isto é, **os que ousam** e não os audazes) **fortuna juvat**... E desta vez fui eu só o que ousou, porque não havia no começo, quem não deplorasse que o Nilo houvesse aberto o curso médico, ainda prematuro em Curitiba... Mas foi... e depois, fomos todos cabeçudos. De longe, admirei a teimosia raivosa com que o Petit, como dizia o G. Quadros, se transformara em lente da Universidade de Goa, enciclopédia viva de não sei quantas cadeiras ao mesmo tempo. Proteu de muitas cabeças...

"Folgo pois, hoje, de lhe dar também os parabéns pela pertinácia com que v. prosseguiu a sustentar a **minha** idéia prematura... E não lhe dão ao menos uma cadeira de deputado estadual!... "Olhe lá: Vou sugerir ao Assis (se ele me responder) que arranje também um busto para você, e quando estiver pronto, **hei de ser eu o orador oficial da inauguração**.

"Quero eu próprio retrair essa sua personalidade que tem a moleza da albumina e a resistência do aço!

"Mas desta glória que flameja agora no topo da Faculdade (em cujos alicerces fico eu escondido) não é só a v. que tocam as lantejoulas. Abraça, pois, também ao Assis e ao Petit, únicos sobreviventes da batalha gigantesca...

"Escrevi ao Assis pedindo para me comunicar em ofício a

minha licença de seis meses, pedida. Você sabe quanto essa formalidade é necessária para a escrita da Faculdade, e importante para mim.

"Estou com a minha chácara à venda. Creio que voltarei para São Paulo. Fazer o que, ainda não sei... E a vida é esta... Adeus e abraços do Nilo.

Esta carta de 20 de fevereiro mostra Nilo Cairo erudito, a citar Virgílio e a mostrar conhecimentos de latim que a sua modéstia, em público não permitia, a não ser em termos profissionais (em que era, quando discutia) esmagador, irônico, e senhor de uma lógica de aço.

Quando o conheci, em 1923, como secretário da Faculdade de Medicina (pela segunda vez tomando a si a direção da Universidade) mesmo com as faculdades separadamente administradas, ele ainda tinha a mesma estupenda energia e a mesma cabeça, capaz de lampejos de gênio.

Em 1921 a sua decisão de não voltar à cooperação com os seus amigos companheiros, já estava, visivelmente, abalada.

la vender a chácara. Desiludido da fortuna que não pôde fazer?

A referência ao busto seria porque essa demonstração que lhe foi feita o teria profundamente desagradado, provocando posteriormente algumas inimizades, invejas, campanhas soezes que ele não merecia.

O busto do Dr. Vitor foi homenagem a ele prestada em vida. Mas depois de 1928, o Dr. Nilo não teve oportunidade de, como orador oficial, dizer o que sentia.

MUITA POLÊMICA, POUCA UNIVERSIDADE MAS BOA FILOSOFIA...

Meu caro Vitor: "Estava a doce Inez posta em sossego" como lá diz o verso de Camões... Estava eu a passar a limpo o meu "Guia de Veterinária Homeopática" que vou publicar, quando hoje, pela manhã, ainda não há uma hora, caiu-me sobre a mesa um jornal de Curitiba, dando notícia do projeto apresentado ao Congresso pelo Plinio Marques, autorizando o governo a rescindir o contrato da Profilaxia Rural.

"Não me pude conter em lhe escrever esta, para dar-lhe mil parabéns e um apertado abraço pelo gesto de energia que v. teve (pois atribuo a conspiração ao diretor do Serviço Sanitário). Se, entretanto não é assim, peço que transmita meus abraços ao Plinio, ao Artur Franco e ao Azevedo Macedo, os três homens de mais juízo que já vi na minha terra. Creio que essas expressões que ai ficam, traduzem bem o meu pensamento e o que penso dessa balela de profilaxia rural, em que o pobre tesouro do estado é vilmente sangrado em 200 contos por ano em pura perda. Sim: Pura balela, simples fantasia literária de Miguel Pereira e do Monteiro Lobato, acobertados pela avidez americana dos Rockefelleristas...

"Se o Caetano Munhoz da Rocha for da mesma opinião do Plinio Marques, diga-lhe que (com a autoridade de quem convive ha três anos com o caboclo) o de que ele necessita não é de capsulas nem de pastilhas, mas de **educação** moral e sociabilidade, que lhe dêem idéias e ambições para tirá-lo da apatia e da miséria em que vive. Quem vê o caboclo trabalhar sob a inclemência das intempéries sem adoecer, não pode deixar de admirar a sua excepcional robustez e sua magnífica saúde. Na roça, no rural, não há moléstias. Dizer o contrário é levantar uma calúnia. Em vez de Profilaxia Rural crie-se antes Profilaxia Moral que comece a povoar o solo do Brasil e a dar ao caboclo o sentimento de sociabilidade. O mais é tolice. Querem que ele

va aprender o alfabeto à escola? Mas como se a criança desde cedo é obrigada a ajudar o pai a ganhar a vida e a remediar a miséria dos três mil réis diários?

Pois então pague-se mais ao caboclo. Neste caso a colheita não paga a despesa... E como se tirar daí?... Veja v. pois quanto é complicada a solução do problema da nossa população rural, mesmo sob um único dos mil aspectos que ela apresenta para que se pretenda resolvê-la com pilulas, capsulas e pastilhas...

"Esta é a feição científica da profilaxia rural. Ms há uma feição política. Quando vi o Afonso meter no Estado esse ninho de pedantes que outra coisa jamais produziu o Instituto de Mangueiros, predisse (cá comigo) um futuro conflito entre ele e o Serviço Sanitário do Estado. Dito e feito: De repente v. cavilosamente denunciado ao célebre Chagas, e a denuncia documentada com ofício seu!

"Mas então o Heraclides tem poder para se sobrepor ao Estado no exercício da medicina, dentro do Paraná?

Fiquei boquiaberto com a petulância. Acho que v. deve acabar com aquele formigueiro de pedantes. Quebre-lhes a crista, antes que eles se arroguem ao direito de fiscalizar a faculdade de Medicina.

"E olhe lá... Se v. precisar de gases asfixiantes para defender a rescisão do contrato da profilaxia (caso alguém grite contra ela) mande me dizer. Tenho aqui, nesta pena que v. conhece, uma fábrica completa deles: Lança-chamas, canhões Berta, o que v. quiser. É só dar daí o sinal e v. verá o pau desandar pelo "Comércio do Paraná".

Esta interesseantíssima carta que é a última do ano de 1921 dirigida ao Dr. Vitor do Amaral, mostra o Dr. Nilo Cairo combativo, quando a indignação o exaltava tocando nas suas convicções; e mostra mais, e sobretudo, como ele precede o Dr. Miguel Couto de seis anos na opinião de que no Brasil só há um problema: **A Educação!**

É claro que ele põe a solução em outros termos, mas foi o homem prático que viu quanto o nosso atraso provinha da ausência de Universidades e se propôs a iniciar o construtivo processo educacional e o fez, brilhantemente.

Esta carta termina por um último período (que dá margem a uma consideração filosófica de nova espécie) como se o homem combativo, lutador, empolgado, caísse no seu interior, e

do seu subjetivismo ceticamente pensasse de que vale tanta luta?

Esse último período é o seguinte:

"Ah! Sim: De os meus parabéns ao Assis... Lá se vai o Leal Ferreira para baixo dele outra vez... Este mundo!... Este mundo dá tantas voltas... Seu Vitor!... Abraços do Nilo.

Blank Page

MAIS DUAS:

As cartas de 1922 são as da transição da decisão primitiva do homem magoado e injustiçado, para a do Nilo Cairo que voltaria a decisivamente colaborar com o seu velho amigo de ideais de 1912/1913.

Sente-se a mão experiente e calma do Dr. Vitor do Amaral manejando o fogoso e irrequieto Dr. Nilo Cairo, desde a carta de 24 de fevereiro de 1917 até a elevação do busto do Dr. Nilo Cairo em 1921 no saguão do edifício da antiga Universidade, busto que ficaria ali até a remoção dos seus ossos em 1933, e também do busto, para a praça.

Mas vejamos a carta de 17 de abril:

Meu caro Vitor: Só hoje me é dado escrever-lhe algumas linhas, para responder ao seu telegrama dando-me notícias da equiparação da Faculdade e fazendo votos pelo meu restabelecimento.

“Tendo escapado de uma série de colapsos cardíacos, recaída de uma febre tifóide que quase me arrancara a vida, por quase dois meses vegetei convalescendo num quarto particular da Santa Casa de Mogi, de onde, afinal, saí, abandonando tudo para vir ao Rio, na esperança de melhorar da minha profunda debilidade. Continuo, porém, muito fraco, especialmente, da digestão gastro-intestinal.

Para cúmulo do caiporismo, estou hoje atacado de uma ligeira influenza, que me faz espirrar e tossir. Não posso, por isso, escrever-lhe muito.

Fazia tenções de ir ao Paraná, mas o tifo cortou-me as asas. Diga-me se recebeu o meu requerimento de licença. Outrossim, peço que me informe qual o modo de registrar aqui o diploma de dentista, dado pela Universidade antes da equiparação. É o diploma do meu cunhado Ribeiro Viana que quer o seu registrado aqui.

"Estou metido numa pensão e não sei ainda o que vou fazer. Sinto apenas que antes de dois meses não estarei em condições de trabalhar. Fiquei fundamentalmente tocado pelo tifo. E sofro com isso enorme prejuízo. . . Ah! Meu caro! Nunca se verificou tão bem o adágio popular: Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintém. Pela minha parte creio bem que já nem valho um real. Adeus. Abraço do Nilo.

A carta de 14 de agosto já é do Nilo enérgico, restabelecido.

Ela diz: "Ando aqui com uma carta tua para responder, com data de 30 de abril! Não o fiz antes por estar a fazer a 2.ª edição de livro meu, pedido com urgência, e para isso só tinha as manhãs.

"Arranjei aqui dois consultórios, porque os diplomas que carrego às costas pesam-me demais para fazer outra coisa. E felizmente, em três meses e meio de clínica já ganhei cinqüenta mil réis. . . o que muito me anima!

Em ofício de 1.º de maio, diz-me v. que a congregação, em sessão de 30 de abril concedeu-me a licença de seis meses. Mas em sua carta de 30 de abril fala v. em prorrogação. Na incerteza convém-me saber quando ela termina, a fim de tomar providências legais. Não desejo perder a minha cadeira porque apesar de todos os revezes que se me vão atravessando no caminho da vida, ainda tenho a esperança de retomá-la.

"Estive ontem com o João Cândido na Avenida e ele disse-me que v. pretende cá vir no fim deste mês, assistir as festas de inauguração da Exposição de Andaimos e Obras do Centenário da Imbecilidade Nacional.

"Se v. vier avise dia e hotel em que o encontro que nossa conversa será longa. Tendo dia e hora da sua chegada irei recebê-lo à Central.

"Ouvi dizer que a Leonor vai mal. Sabe algo a respeito?

"Quanto paga a Faculdade aos professores?

"Isto é importante para minha volta a Curitiba.

"Duas cadeiras há sempre. Quanto?

"Espero resposta sem tardança, especialmente à minha penúltima indagação.

Abraços ao Assis e a v. do Nilo Cairo.

ÚLTIMA, ANTES DA VOLTA AO PARANÁ

"Meu caro Vitor: Venho dar-lhe hoje uma boa notícia: As subvenções da Universidade passaram no orçamento da Justiça, que não foi modificado pelo Senado. Disseram-me ontem o Afonso e o Carlos com quem fui conversar no Senado.

"Note-se, porém: Esse serviço não o deve a Universidade a ninguém. Foi espontâneo da Comissão de finanças da Câmara, como v. deve ter visto pelo impresso que lhe mandei".

"É de todo o ponto provável que, em abril próximo eu vá reassumir a minha cadeira na Faculdade. Por isso peço a v. que me mande dizer em que dia se reúne a Congregação para aprovar programas, ou dizer como devem ser divididos. Mande-me dizer também (se ainda existir no arquivo) um antigo programa meu de Patologia Geral, juntamente com o moderno do Medeiros, e outrossim um exemplar da minha "Patologia Geral" que não possuo nem para amostra".

"É favor v. me fazer isso com a necessária urgência, pois não há tempo a perder. Se existir alguma outra cadeira sem professor (que não colida com minha surdez), pode mandar o respectivo programa dizendo o que devo fazer".

"Ia me esquecendo de falar sobre o outro projeto de Afonso Camargo, reconstituindo a Universidade.

Depois do que lhe disse, nada mais soube. Outra vez que fui à Câmara, não encontrei o Bartolomeu e na balburdia do apagar das luzes, nem o Lindolfo estava.

"Quer me parecer que os nossos representantes deviam manifestar um pouco mais de interesse pelos projetos relativos ao Paraná, sem haver necessidade de se estar todo o dia em cima deles.

Creio pois, que o projeto não sairá este ano, porque agora, só há tempo para cuspir no Epitácio...

"E agora o derradeiro assunto: Estava hoje me preparando para escrever esta quando a Nenê me entregou o ofício em que (mandando-me duzentos e cinqüenta mil réis, o Assis, com muita "saúde e fraternidade) reitera-me os protestos da sua mais alta estima e distinto apreço. Calcule quanto isso me moveu, sobretudo sabendo-se que, para passar o Natal e o Ano Bom restava-nos na gaveta pouco mais de vinte.

"Mas os maus exemplos às vezes tentam frutificar. Veio-me logo o impulso do Lopes Trovão: "Não, eu não aceito isso". E saí de casa para Niterói com essa disposição. Mas, coisa curiosa! Logo à rua 1.º de Março topei com quem?! Imagine! O Rui Barbosa! Meu patriotismo recebeu uma ducha! Pois iria eu recusar tão necessário e minguado quantum, eu um desgraçado pobretão, quando a maior mentalidade desta Beocia não recusa mil contos?...

Tomei a barca surumbático, mas quando voltei-me havia transformado. Estava disposto a aceitar com o maior cinismo, ainda que não me julgasse credor de coisa alguma.

"Eu já me dava por pago tomando o café do Congresso comendo-lhe o almoço e deliciando-me com as pernas da Berta.

"Pois seu Vitor: Já que vocês fizeram essa tolice, entregue esses cobres ao Veloso, para minha filha. É o único escrúpulo que me resta na consciência: Não tocar neles!

"Reitero ao Assis os "protestos"... Adeus e responda-me. Nilo Cairo.

Esta carta mostra o Dr. Nilo, representando a Universidade, a conseguir subvenções que afinal teriam saído. Não possuindo nada, ainda assim tinha escrúpulos em receber por trabalho executado, e só porque a Universidade lhe devia a vida. Chamou depois ao aceitar o que lhe ofereciam, de cinismo, quando na realidade foi a humildade do homem sofrido que não tinha porque inflar-se de um orgulho que entre os vivos podia ter aparências de dignidade, mas que o tempo anularia, como anulou, aceitando o Dr. Nilo Cairo como de fato foi: Grande homem a quem, não só o Paraná, mas o Brasil deve — com Vitor do Amaral — a Universidade do Paraná, a primeira do Brasil!

VI

O FINAL

Nilo Cairo voltou ao Paraná pouco antes das comemorações do Centenário da Independência. Foi recebido de braços abertos pelos seus velhos amigos especialmente o Dr. Vitor do Amadal, que sabia do seu valor e recomeçou a lutar por aqui, com o velho afinco.

Agora aspirava construir as duas alas do edifício histórico da Universidade, retomando a tarefa do ponto em que a deixara em 1917. Sua atuação voltou a fazer-se sentir nas mesmas condições antigas.

Iniciou primeiro a ala esquerda, que chegava à rua 15 de Novembro, depois a outra, que nem chegou a ver totalmente em pé.

O plano integral era para a quadra toda, o edifício completo, que só muito depois da sua morte se veria, tal como hoje existe.

Quando voltou ao seu estado natal, sua segunda esposa faleceu, e ele levou para junto de si, sua filha Sara (que só o conhecera aos dez anos de idade) e com quem só chegou a ter certa intimidade nos últimos tempos de sua vida.

Tratou também de regularizar a sua situação com Dona Ermelinda Smith, com quem já havia anos passara a viver.

Por motivos vários, convergindo com estes os seus males físicos, repentinamente agravados, mudou-se para Paranaguá aspirando a vida menos atribulada do que a podia levar aqui.

Ali teve a satisfação, nunca sentida antes, de usufruir dos prazeres da afeição profunda que lhe dedicou sua filha.

Um agravamento de dores fê-lo ir ao Rio de Janeiro para

operar-se; mas em consequência dessa intervenção cirúrgica veio a falecer, a 6 de junho de 1928.

Seus restos vieram para Curitiba em 1933 e hoje repousam no pedestal do seu busto e em frente ao edifício que lhe deve a existência, da 1.ª Universidade do Brasil, por ele fundada.

A federalização foi realizada a 4 de dezembro de 1950 com a lei 1254.

Assinaram o documento o Presidente, Sr. Eurico Gaspar Dutra, o Ministro da Educação Dr. Pedro Calmon e o Ministro da Fazenda Guilherme da Silveira.

Essa federalização era consequência de reconhecimento, ou restauração, obtido pelo decreto n.º 9.323 de 6 de junho de 1946, que dava à Universidade fundada por Nilo Cairo e Vitor do Amaral e por este mantida, as regalias de Universidade livre, equiparada, sendo os seus estatutos aprovados. Este documento foi assinado pelo Presidente Dutra e pelo Ministro da Educação e Saúde, Dr. Ernesto de Souza Campos.

EPÍLOGO APOLOGÉTICO

O dia 15 de outubro de 1974 amanheceu sombrio, mas como as obrigações estavam todas satisfeitas, tudo marchava como se não houvesse nuvens no céu e como se a poluição excessiva de todas as espécies não ameaçasse o mundo, do qual fazemos parte como animais destruidores.

Eram 8 e tanto da manhã quando recebo um telefonema do Professor Júlio Moreira, telefonema gratíssimo felicitando-me pela iniciativa da "publicação documentada", das cartas do Dr. Nilo Cairo, em que se sente, na verdade, a propósito da primeira instituição universitária a permanecer, no Brasil, que os dois esteios fundamentais, os mais importantes, os de primeira grandeza, foram, de fato, Nilo Cairo e Vitor do Amaral, cada um deles com suas qualidades específicas e suas condições únicas de contribuição ao meio em que viveram, adaptando-o às suas idéias inovadoras, a fustigá-lo e a criar no seu seio as reações de que, por pouco, não se fazem vítimas.

Quando hoje imagino o que dois homens lutaram, com o seu pioneirismo fundamental, imagino também o que devem ter sofrido de decepções e desencantos. Homens que formavam a seu lado e que nas horas mais cruciais deixavam as fileiras da construção momentosa para irem jogar-se nas dos maldizentes e dos céticos.

Para a criação da primeira universidade do Brasil não houve essa unanimidade aparente de que falamos hoje (na segurança de mais de meio século de existência) senão apreensões e dúvidas, patrimônio e nome comprometidos, responsabilidades assumidas em grande extensão e em maior profundidade.

Não devemos falar, para julgar os admiráveis pioneiros, com a mente de hoje, calcada em todas as ascensões que os seus trabalhos determinaram, mas sim devemos ver o que foi o sacrifício estupendo dos seus esforços criadores, em

meio à mesquinha realidade de um ambiente retrogrado, inculto e tremendamente conservador, e tendendo a inércia.

Se hoje ainda sentimos grandeza nos pioneirismos das cidades interioranas do nosso Estado; se hoje podemos medir as resistências sociais e psíquicas (e políticas não menos) aqueles que nas cidades maiores do nosso interior movimentam os seus ambientes e procuram a convergência geral dos esforços, e não conseguem a unanimidade esperada; se hoje, há mais de sete longos decênios de evolução sentimos a resistência extrema dos retrogrados; em 1912, apesar de Carlos Cavalcanti e do seu pequeno grupo de colaboradores estarem compreendendo a grandeza da criação universitária a que Nilo Cairo e Vitor do Amaral aspiravam, naquele então tudo seria muito mais duro, bem mais difícil de vencer, bem mais árduo para movimentar no bom sentido e a caminho do futuro em que estamos e do futuro a que ainda estamos bem longe de chegar.

Se a chamada reforma é um passo duro na estruturação das universidades tradicionais, porque a sua própria longa existência em termos de currículo fixo as faz resistentes à modificações, podemos imaginar o que seria em 1912 para criar, e para fazer andar a instituição nascente!

Menino, eu ouvia as conversas dos mais velhos, tendentes ao ceticismo, a descrença quanto aos resultados; a segurança na inutilidade dos esforços, despendidos em pura perda...

Mas houve heróis que acreditaram e que puseram mãos a obra; e houve heróis que persistiram, resistindo a tudo; a chamarem os que tropeçavam por cansados na luta sem fim, no caminho ainda longo a trilhar...

Esses heróis foram Nilo Cairo e Vitor do Amaral, cercados de um pequeno grupo de soldados que mantiveram bravura e puderam sentir os lampejos da vitória!

É preciso não esquecer tais verdades. É preciso, vez por outra, reavivá-las e fazê-las sentidas para a ulterior, estupenda multiplicação de frutos!

Glória pois a esses heróis!

NILO CAIRO NA PENA DE MILTON CARNEIRO

Assim que tive notícia de que o Dr. Milton Carneiro havia escrito uma série de artigos a respeito do professor Cesar Perretta (como não me souberam dizer a época da vinda a público desses artigos), pensei que estariam, talvez, no seu livro de Obras recentemente publicado pela Universidade, na série dos "mestres".

Apanhei-o e andei procurando o que me interessava, mas não dei com o que queria.

Entretanto, como se estivesse folheando um livro de memórias de contemporâneo com quem fosse muito ligado, a contemplação interna me foi obrigando a rever inúmeras figuras pelas quais tive mais ou menos admiração e estima. Acordadas pela pena irreverente mas sincera de Milton Carneiro em episódios vários, eram grotescos e cômicos alguns, outros interessantes. Alguns também, sob a capa vidente que ele lhes quis dar, mascarando trágicas observações de época de perturbada transição. O folhear do livro me foi fazendo rever um passado já distante, mas que me deu o sabor de um ontem bem próximo: seu genitor, o Dr. Petit, tantas vezes visitado por mim em sua casa da Brigadeiro Franco; o Dr. Ernesto de Oliveira, o professor Pereira de Macedo, o Dr. Lisímaco Ferreira da Costa, o Dr. Alvaro Pereira Jorge, o professor Dario Veloso, e depois, já da minha geração, Leo Kolbe, Dicesar Plaisant, Jurandir Manfredini, Adir Guimarães... todos já vivendo subjetivamente, mas num mundo que ainda é o meu e que meu será, mesmo depois que me seja cortada a existência e a vida...

O curioso, porém, é que Milton Carneiro deu-me a impressão, face ao professor Nilo Cairo, de um antagonismo e de uma antipatia que foi a mesma que pessoalmente eu terei sentido de 1923 em diante e até que o professor abandonasse definiti-

vamente a sua majestosa obra universitária nas mãos dos seus companheiros de jornada e sobretudo dos seus sucessores.

O antagonismo que ele Milton sentiu, porém, imaturo e intolerante, não me fez ver realidades que se lhe obscureceram, para tentar uma caricatura grotesca e infiel de um grande homem, caricatura essa que ele desejaria transmitir ao futuro, mas que certamente não ficará de pé.

A maneira como se refere a Nilo é sempre em termos destruidores, e as impossíveis blagues (incorretamente tomadas como pensamento autêntico) correspondendo a perdigotos contra seres inatingíveis, como Cuvier e sobretudo Lavoisier eventualmente tomados para vítimas, no entrechoque de enraivecidos discutidores; Nilo Cairo por certo sem razão, mas consciente da sua irreverência e do seu erro.

Curioso que Milton tentasse ridicularizar Nilo Cairo e sempre mostrasse em seus escritos o maior respeito pelo Dr. João Pernetta, que este, realmente positivista religioso, não provocava as suas irreverências.

Mais curiosas ainda serão as voltas que a vida proporciona: embora eu em menino nunca sequer tentasse antagonizar por palavras, a Nilo Cairo, não o estimaria em vida nem o admiraria; antes pelo contrário tenderia a opor-me a quanto alvitrasse com a sua irreverente e imprudente forma apressada de julgar, e todos e a tudo. E é a minha madureza (e mais do que isso, a minha ancianidade) que me fazem voltar atrás, sentir a sua grandeza e sobretudo (quando posto a seu lado na minha imaginação) ver o desnível que dele nos separa, a sua coragem afrontante a construir sempre, enquanto todos no seu "loqui", nunca fariam (sem ele e no seu tempo) quanto pôde realizar, estabelecendo ao mesmo tempo convergências e inimizades, admirações e atralhos, ajudas e antagonismos.

Não há dúvida: o tempo não bastou a Milton Carneiro para que caísse dentro de si mesmo, para que se auto examinasse a fundo, e voltasse a expressar os resultados desse exame, verificando que o ocorrido entre ele e o grande Nilo Cairo foi algo assim como beijo de bichudos.

Sim: dois irritadiços que tinham idéias próprias, especiais e diferentes a respeito da instituição a que ambos serviam, cada um a seu tempo e no seu nível, a centelha explosiva aparecendo a cada aproximação imprudente, na forma de discussões descabidas e inúteis!

CARTAS DE NILO CAIRO A WALFRIDO LEAL

O meu velho amigo Walfrido Leal fez-me o favor de deixar em minhas mãos as preciosas cartas que, nos últimos tempos da sua vida, Nilo Cairo lhe enviou, quando já estava residindo em Paranaguá.

Elas são (dada a intimidade existente entre os dois e apesar da diferença de idade) muito esclarecedoras à psicologia do grande homem, que, nele, o Paraná perdeu, aos 54 anos, prematuramente portanto.

Essas cartas vão de janeiro de 1927 a janeiro do ano seguinte, que já será o da sua morte. A primeira dessas cartas mostra à saciedade o interesse que ele tinha pela Universidade da qual se afastara a contragosto.

Diz ele: "Rogo-lhe que me mande pelo correio um exemplar qualquer do último Regimento Interno da Faculdade (de Medicina) que se acha impresso".

Nessa mesma carta, em post-scriptum declara: "Diga ao ao Octávio que o Rocha Vaz, no diagnóstico que fez do meu estômago, condenou-me irremissivelmente à morte... Paciência! Vou entender-me com Deus para recebermos condignamente lá em cima o Artur Cottomano... Quem é este sujeito? Você sabe?

Coragem calmíssima ante a morte a que sabia estar condenado fazia 'blagues' a respeito, mostrando a mais completa emancipação da teologia, confirmada em cartas ulteriores.

A segunda carta (de 4 de maio) era solicitando providências para que lhe fossem pagos aluguéis de casa sua, daqui de Curitiba. Não reproduzo, porque o assunto é de menor interesse, porém na carta se nota o seu cuidado para não ferir ninguém apesar do injustificável atraso: "Isto tudo vai reservadamente".

A carta de 2 de outubro deve ser a que escrevesse mais euforicamente. Muda o tratamento dado ao Sr. Walfrido, da 3.^a para a 2.^a pessoa, numa confiança ilimitada. Esse tratamento é único e denota a alegria (de que se achava possuído nesse dia) com o contrato de casamento de sua filha. A carta diz: "Peço-te o favor de ires à redação da Gazeta do Povo, do Diário da Tarde e do O Dia, para lá me arranjares a publicação graciosa da seguinte notícia: Contrataram casamento na vizinha cidade de Paranaguá, a Srta. Sara Lopes da Silva gentilíssima filha do Dr. Nilo Cairo, atualmente ali residente, e o Sr. Francisco Cavagnari, do comércio daquela praça".

"Tira três cópias, mais ou menos como aí está e leva aos citados jornais".

"Desde já grato pelo favor. Abraços do Nilo Cairo".

A outra carta é de 27 de dezembro e mostra a sua preocupação em amparar a esposa: "Peço-lhe mandar-me exemplar do Regulamento do Montepio, com as modificações votadas posteriormente, e bem assim o quantum que cabe à primeira viúva que aparecer (provavelmente será a minha)".

Além dessa preocupação, reiterada pela pergunta em post-scriptum: "Quantos sócios ainda fazem parte do Montepio", é de se notar o tratamento ao amigo: "Espero que não retarde a resposta e desde já grato se subscreve o amigo Nilo Cairo".

A outra carta é do dia seguinte em resposta à do Sr. Walfrido, agradecendo a notícia de que sua viúva ficaria com 200\$000 mensais e revidando jocosamente uma insinuação do seu amigo: "Que tem você que se meter com a vida dos outros?" e a censura punitiva: "O que você precisa, seu Walfrido, é um puxão de orelha"...

No meio da carta, confirmando certas teorias de que o câncer sempre vem com a degenerescência do cerebelo, diz: "Tenho o cerebelo muito estragado e conto para breve dar o fora em vocês todos... Vou de mal a pior, muito magro e acaba-do...".

Sempre jocosos e com interesse enorme pela Universidade (obra sua e do Dr. Vitor) faz, a propósito do Montepio, votos pela longa vida do seu amigo, e em pos-scriptum acrescenta: "Agradeço os votos de felicidades que vocês todos fazem para o meu novo ano. Creio porém que eles não se realizarão. Também daqui lhe mando os meus, que, esses sim, terão realidade. Gen-

te moça! Quanto sinto não ter conseguido aí entre vocês três, recuar vinte anos de minha vida!...

E logo, deixando o tom sério pela facécia, acrescenta: "Levo porém, um consolo: É que vou, lá em cima, preparar com antecedência, a cama de espinhos para o... Petit!

O grande homem do Paraná (sem dúvida grande para todo o Brasil) era um espírito forte e não se abatia com a certeza angustiante de sua morte próxima e com ela brincava, mandando recados aos seus antagonistas.

Examinaremos também as suas últimas cartas.

Blank Page

AS ÚLTIMAS CARTAS DE NILO CAIRO E UMA IDÉIA

A última carta de Nilo Cairo ao Sr. Walfrido Leal (já esta escrita em 14 de janeiro de 1928) precedendo de seis meses a sua "transformação subjetiva", mostra a sua constante preocupação de estar cumprindo mesmo os deveres mais elementares relativamente aos que dele após seu desaparecimento pudessem depender.

Escreve pedindo que uma das suas propriedades seja vendida para que haja meios de atender à operação a que poucos meses depois foi submeter-se no Rio de Janeiro.

A carta explica: "Apesar das ilusões que você daqui levou talvez, sobre o meu estado de saúde, a minha moléstia agravava-se progressivamente.

Nestas condições, minha mulher resolveu desembaraçar-se da nossa casa da rua Marechal Deodoro e fazer para isso mais uma tentativa.

Peço por isso a finesa de mandar publicar na Gazeta do Povo, o seguinte anúncio: Vende-se a casa da rua Marechal Deodoro, 134. Informações com o Sr. Walfrido Leal, Universidade.

Durante uma semana poderá sair todos os dias. Peço que regateie, porque a Gazeta não tem preço fixo. Assim que pagar mande-me a nota das despesas. Outrossim peço que vigie a publicação, contando os anúncios saídos.

Isto posto, se alguém procurar, peço informar simplesmente: 1.º que a casa pertence a Dona Ermelinda Silva, esposa do Dr. Nilo Cairoá 2.º que o preço é de vinte contos mais despesas de transmissão, pagamento à vista.

A propósito, o Taborda (da Livraria Mundial) levou-me uma vez um sujeito que queria dar esse preço e eu recusei. Talvez fosse possível você passar por lá e indagar se a pessoa ainda estaria disposta a fazer o negócio.

E é assim seu Walfrido, como acabam todas as histórias... Era uma vez o Dr. Nilo Cairo!...

No encerramento desta carta como fecho, manda os habituais abraços; mas além destes o "adeus" que outras missivas não traziam, e que vem como espécie de despedida final, seguida do seu nome ilustre. Pudemos ter outras cartas de outras origens, e de épocas anteriores, realmente sua vida ficaria conhecida nos pormenores mais significativos, como aconteceu com a série que o Dr. Vitor do Amaral guardou e de que tem sido publicada uma parte, aqui reproduzida.

De qualquer maneira estes detalhes aqui republicados, que são do final da sua vida, podemos tê-los graças à boa vontade e ao cuidado com que o Sr. Walfrido Leal (amigo fiel do fundador), guardou essa documentação tão elucidativa.

Como todos sabem, os despojos de Nilo Cairo estão no pedestal que está na Praça Santos Andrade, por baixo de seu busto.

Há muito poucos dias, em palestra com o meu amigo Professor Othelo Lopes, disse-lhe a opinião que tinha, de que na área interna livre que o edifício tradicional da Universidade ainda possui fosse feita (em mármore colorido e toda a possível sobriedade, mas a esse nível) o **panteon dos primeiros reitores e dos fundadores principais**.

Quando turistas vêm ver Curitiba, é pouco o que se lhes pode mostrar em termos de história humana que deva interessá-los.

Entretanto esse panteon podia ser um ponto obrigatório, onde leriam que a nossa Universidade, fundada em 1912, e transformada em Federação das Faculdades superiores do Paraná de 1918 a 1945 restaurada nesse ano, foi a primeira Universidade fundada no Brasil e que não pereceu, apesar das leis federais que tentaram esmagá-la.

Nunca o edifício tradicional da Praça Santos Andrade deixou de trazer o nome de Universidade e nunca também, o homem que foi o esteio da gigantesca empreitada deixou de ser o Reitor Dr. Vitor do Amaral dessa "federação".

Esta foi a fórmula jurídica de preservação da união necessária que nunca se desfez, para a honra e glória do Paraná, como marco grandioso no campo educacional. Deve-se tal medida ao Dr. João Ribeiro de Macedo, o segundo Reitor, alguns anos após.

AS DISPOSIÇÕES FINAIS
(Carta dirigida ao Dr. Otávio da Silveira)

Otávio

Creio que é esta a última carta que te escrevo, tão grave sinto o meu estado.

Escrevo-te da cama, de onde já não me levanto mais. Vômitos espasmódicos impedem-me agora, de me alimentar.

Vivo um martírio.

Bem. Escrevo-te para te prevenir que os originais da 3.^a edição da Patologia Geral estão com o Heitor: Eles pertencem à Faculdade.

Os originais da 3.^a edição da Fisiologia, porém, ficam com minha mulher e espero que após a minha morte, vocês lhe deem pelo menos um conto de reis por esses manuscritos que ultimei aqui, sobre o meu leito, sabe lá curtindo que sofrimentos.

Outrossim, logo que vocês aí receberem notícias do meu falecimento, mandem ordem telegráfica ao Banco Pelotense aqui, para mandar entregar à minha mulher a quota do enterro.

Só! — meu caro amigo. Não posso escrever-te mais. Mil felicidades no futuro e um apertado abraço do

amigo velho

Nilo Cairo

PS. Abraços nessa nossa gente tôda, no Walfrido, no Lemberg, na Odette.

Não conto escrever-te mais.

Rio 10.11.1928

Seu desaparecimento em 6 de junho de 1928 mostra, que a carta acima, ao Dr. Otávio da Silveira, menos de dois meses antes do traspasse, constituiu de fato a expressão de sua última vontade.

De tudo quanto se tem dito e repetido a propósito de Nilo Cairo e Vitor do Amaral e da obra que é de outros, ponhamos o julgamento do Dr. Victor no discurso pronunciado trinta dias após o falecimento de seu amigo, desse amigo a que ele sobreviveria decênios:

"Nilo Cairo é o pontífice máximo do ensino superior em nosso Estado".

E logo depois:

"Fui eu quem o acompanhou mais de perto em sua luminosa trajetória, na organização dos cursos universitários do Paraná!...

E ainda:

"Se Nilo Cairo cometeu erros, se teve deslizes, que sejam levados à conta da contingência humana, pois desaparecem diante da sua obra ingente, cujo maior padrão foi a fundação da nossa Universidade!

A ATIVIDADE PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NILO CAIRO

Das considerações iniciais em torno de uma Universidade pode-se estabelecer definitivamente que o grande ensino existe onde apareçam alunos sequiosos por aprender e professores capazes de ensinar.

Claro que não importam substancialmente as instalações. O que parece, entretanto, imprescindível é o provimento econômico do ensino, quando localmente o conveniente professorado (gratuito ou barato) não exista.

Isso foi o que o Dr. Nilo Cairo compreendeu desde o primeiro momento da sua homérica tentativa.

O livro de registro dos professores iniciais é um monumento de informações, e conta a multiplicidade de atendimentos de que o engenheiro civil e militar e o médico homeopata se encarregaria até quase exaurir-se.

Em 1912 assumiu, no curso de Odontologia as cadeiras de Fisiologia, Patologia geral e Anatomia Patológica. Esse seria o seu dever como professor. Era a parte teórica do seu ensino. Porém na instituição o seu funcionamento prático foi de Secretário.

Todavia o ano estava em dezembro e as tarefas, embora importantíssimas, quanto ao ensino, foram limitadas pelo tempo, porque o ano findava.

Em 1913 o Professor Nilo Cairo ensinou interinamente Histologia e Anatomia microscópica examinando no concurso de Física experimental de Engenharia civil e História Universal e do Brasil no curso de preparatórios, e ainda Geologia e Mineralogia no mesmo curso de Engenharia.

Encarregou-se da organização do curso de preparatórios (anexo à Universidade) e que funcionaria por alguns anos.

Foi encarregado pelo Dr. Victor de dar parecer às propostas para a construção do edifício da Universidade à Praça Santos Andrade.

Com Daltro Filho e João Moreira Garcez, foi encarregado também da fiscalização, à medida que a construção se fosse elevando.

Como professor, no curso de preparatórios examinou Inglês e História (universal e do Brasil) ao mesmo passo que em Medicina se encarregava também da cadeira de Homeopatia e Terapêutica homeopática, examinando no curso odontológico Anatomia e topografia da cabeça, e no de Engenharia, desenho linear e aquarela, e no de Farmácia (já em 1914) examinava Farmacologia homeopática, encarregando-se de examinar profissionais estrangeiros que revalidam seus diplomas.

O seu campo foi Fisiologia e Patologia, Farmacologia, Fisiologia, Histologia e Anatomia descritiva, Terapêutica clínica e Patologia geral. Regia porém cadeiras do curso preparatório, como geografia e corografia e no curso de comércio Geografia Comercial e história do comércio. Encarregava-se dos exames de habilitação (Mário Fiori foi um dos examinandos) e o campo se expandia para Química biológica do Curso de Farmácia, a Botânica e Zoologia do curso de Engenharia.

Não bastando isso encarregou-se de dar um curso de obstetrícia para as parteiras que se desejassem habilitar na Universidade.

Em 1915 regeu Química médica, Fisiologia e patologia geral e Química médica, examinando inúmeros professores estrangeiros em Patologia geral e no curso prático de parteiras, e ainda Botânica e Zoologia agrícolas do curso de agronomia e Física e química em outros cursos.

Já então se nota o seu desgaste. Em 1916 examina muitas cadeiras, além da sua (histologia e história natural médica) e rege Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia do curso de Agronomia, porém pede licença em 1917, e retira-se da liça desgostoso e fatigado. Dão-lhe em 1918 o título de lente honorário (sem prejuízo dos direitos de catedrático) em disponibilidade. E assim passam os anos de 1919, 1920 e 1921.

Volta em 1922 em outubro e em 1923 rege a sua cátedra, chegando a dirigir a Faculdade na ausência do diretor efetivo. Rege também Fisiologia e fiscaliza as obras novas que colocara em andamento para complementar o edifício central.

Em 1924 estará na Secretaria a reger, além das suas cátedras, Higiene médica, Anatomia e Fisiologia Patológicas.

O ano de 1925 é o último da sua atuação estupenda. Ministra as aulas das cátedras que são suas e mais História Natural do curso de Farmácia.

Sente-se doente e pede licença. Vai procurar o clima de Paranaguá como mais conveniente, e as solicitações de licença, sucessivas, mostram o seu declínio, até que o colapso venha nos meses finais de 1927, antecipando a tentativa cirúrgica, no Rio, em 1928.

O Dr. Rocha Vaz diz-lhe francamente que está por poucas semanas e ele corajosamente toma providências (face à sua morte próxima) ocorrida em 6 de junho de 1928.

A sua faculdade institui a medalha de ouro com seu nome e sua efígie, e a instituição solicita a passagem do seu busto para a Praça Pública, solicitando também seu nome em uma rua de Curitiba, justificando a solicitação por tratar-se de professor inolvidável que muitíssimo honrou sua terra natal, além de ser um dos grandes nomes da medicina homeopática mundial!